

LETICIA ROCHA DUARTE

A IOGA DO PROFESSOR HERMÓGENES – MEDIAÇÕES CULTURAIS

Dissertação apresentada ao Instituto de
Biociências do Campus de Rio Claro,
Universidade Estadual Paulista Júlio de
Mesquita Filho, como parte dos
requisitos para obtenção do título de
Mestre em Ciências da Motricidade
Pedagogia da Motricidade Humana).

Orientadora: Profa. Dra. Leila M. B. Albuquerque

Rio Claro

2009

LETICIA ROCHA DUARTE

A IOGA DO PROFESSOR HERMÓGENES – MEDIAÇÕES CULTURAIS

Dissertação apresentada ao Instituto de Biociências do Campus de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Ciências da Motricidade Pedagógica da Motricidade Humana).

Comissão Examinadora

Rio Claro, ____ de _____ de _____

Aos meus pais

Agradecimentos

A minha família que ensina a cada dia a importância do amor e dos afetos verdadeiros.

Aos meus irmãos Mariana e Daniel que preenchem minha vida com a mais terna felicidade.

A Leila e sua importante orientação que transcendeu os aspectos desta dissertação.

Aos amigos que com a mais positiva das energias fazem tudo valer a pena.

A atenção das professoras Maria Helena e Silvia que muito colaboraram para a construção deste trabalho.

“E entregando-me com a confiança de pertencer ao desconhecido. Pois, só posso rezar ao que não conheço. E só posso amar à evidência desconhecida das coisas, e só posso me agregar ao que desconheço. Só esta é que é uma entrega real”

Clarice Lispector

RESUMO

Esta dissertação observa a obra do Professor Hermógenes, que tem como assunto principal a ioga. Hermógenes construiu um discurso híbrido baseado nas figuras do cristianismo e com passagens da Bíblia estabelece relações entre o Oriente e o Ocidente. Propõe em seu texto mediações culturais que abrangem as religiosidades, a ciência e as corporeidades. Hermógenes descreve a ioga de maneira adequada a realidade brasileira. Sugere a importância da experiência, a busca pela espiritualidade e o Deus interior, a vivência das sensações do corpo que acompanham os preceitos da Contracultura e também da Nova Era. Hermógenes criou e legitimou seu método de ioga, a yogaterapia, e trouxe à superfície valores que sustentam a estrutura da expressão ioga no país.

Palavras-chave: ioga. Religiosidades. Ciência. Corporeidades.

ABSTRACT

This dissertation observes the works by Professor Hermógenes, that has yoga as his main topic. Hermógenes has constructed an hybrid discourse based on christianity figures and with Bible passagens, establishing connections between the Eastern and Western culture. The cultural mediations that embraces the religiosities, science and corporeities, Hermógenes describes yoga in a appropriate manner to brazilian reality. The experience, the search for spirituality, the inner God and the deeply feel of the body goes along with the Counterculture and New Age principles. Hermógenes has created and legitimated his own yoga method, the 'yogatherapy', and brought to surface the values that sustains the structure of yoga expression in the country.

Key words: Yoga. Religiosities. Science. Corporeities.

SUMÁRIO

	Página
INTRODUÇÃO.....	09
Capítulo 1 – A ioga e o Professor Hermógenes.....	21
Capítulo 2 – Recursos Teóricos.....	30
2.1 – Os Aforismos de Patanjali.....	44
Capítulo 3 – Ioga e religião.....	47
Capítulo 4 – Ioga e ciência.....	60
Capítulo 5 – Ioga e corporeidades.....	70
Considerações finais.....	86
Glossário.....	90
Referências bibliográficas.....	92

INTRODUÇÃO

Ao escrever a introdução desta dissertação, percebi a importância de cada escolha em minha vida. Escolhas que levaram a caminhos não esperados, a situações não programadas.

Iniciei meus estudos acadêmicos na área de Lingüística. O que fez despertar um grande interesse pelas questões sociais da linguagem.

A linguagem escrita, a linguagem falada, a forma, culta, a coloquial, os sotaques, trazem valores sociais e culturais que atribuem identidade a uma pessoa.

Podem carregar em si o preconceito, o prestígio, o que é considerado belo ou feio, a noção de certo e errado, o rico, o pobre, o que é estrangeiro e estranho.

São questões tão aparentes e declaradas, mas ao mesmo tempo pouco apreensíveis para os olhos que vêem tudo como 'natural'. Estão profundamente inseridas nos grupos e são quase imperceptíveis, mostram-se como estáticas e indestrutíveis.

Mas há um movimento constante de mudanças, silenciosas, que marcam a linguagem e os indivíduos do grupo de forma irreversível.

A linguagem seria uma arbitrariedade, somente compreendida e tomada de sentido quando compartilhada e aceita em comum acordo pelo grupo.

Atribuo esta mesma arbitrariedade ao corpo. Ao iniciar minha graduação em Educação Física, as questões da linguagem foram espelhadas no corpo.

Desde as primeiras disciplinas cursadas, percebia que existia algo além dos movimentos materiais do corpo na dança, nos esportes, num jogo. Da mesma forma que a linguagem não é formada somente pelos sons da fala, pelas frases.

O que significam os movimentos? O que querem dizer as letras?

No entanto, havia o silêncio absoluto para a resposta a esta pergunta. Ao menos na área de Educação Física. Era como adentrar num lugar proibido, sagrado, onde o corpo sótico não seria bem-vindo.

Talvez isso se deva ao fato de o corpo nem sempre ter uma relação estreita com a investigação científica fisiológica do corpo, que representou um grande avanço, mas não abordou a representatividade humana do corpo.

Afinal, o que poderia significar os diferentes modos de andar, nadar, dançar? O corpo também carrega o belo, o feio, o clássico, o popular, os modos de sentar, comer, gesticular, dançar, adequados para cada situação.

Para cada grupo uma língua, para cada grupo um corpo.

Para cada pessoa uma voz e um corpo.

Não é dizer que são todos iguais, é dizer que carregam em si características semelhantes, códigos compartilhados entre os indivíduos do grupo, mas cada qual com suas particularidades, responsáveis por gerar e produzir coletividades.

A linguagem e o corpo expressam as particularidades sociais de cada grupo em suas mais diversas manifestações (músicas, danças, celebrações, rituais).

Como poderia dizer, então, que o corpo é somente matéria, que é uma constituição biológica com o fim em si própria?

Ser matéria, músculo, ossos e órgãos é a definição para a biologia. Enquanto sua constituição humana, suas qualidades significativas, representativas de uma realidade social são ainda uma imensidão a ser explorada.

Escrever esta dissertação foi um processo gratificante. Estudar a obra do Professor Hermógenes foi poder mergulhar nos significados que a ioga assume no Brasil. Foi desvelar os valores que esta manifestação carrega e que tem o corpo como ator principal.

Assim, não nos limitamos a observar os efeitos das posturas da ioga. Olhamos, sim, para as estruturas não aparentes que sustentam a obra de Hermógenes e sua 'yogaterapia'.

Antes mesmo de iniciar o mestrado, estava envolvida com a ioga. Frequentei cursos de formação para professores, aulas com vários mestres. Enfim, era aluna e me tornei também professora de ioga.

Pessoalmente, acredito que a ioga realmente tenha os efeitos que muitos mestres divulgam: abranda a ansiedade, traz a sensação da paz interior, o corpo leve e flexível, a recuperação da saúde.

Acredito, por ter tido esta experiência e ter sentido, eu mesma, muitas mudanças positivas.

Eis um desafio: distanciar-me da experiência pessoal com a ioga, para poder observar a obra de Hermógenes.

Fico muito feliz em realizar esta pesquisa num programa de mestrado em Educação Física. Poder colaborar para a observação do corpo, e suas manifestações, atrelada às Ciências Humanas significa uma realização.

Assim, esta pesquisa tem como problema investigar as mediações culturais que possibilitaram a difusão da ioga no Brasil pelas palavras e atividades do Professor Hermógenes.

O Professor Hermógenes é uma personalidade marcante no cenário nacional da ioga. Iniciou seus estudos e práticas devido a necessidades de cuidados com a sua própria saúde, a qual mostrava-se bastante abalada (HERMÓGENES,1967). Sentindo-se curado, graças a ioga, dedicou-se aos estudos e à divulgação desta prática corporal alternativa, como foi denominada no Ocidente.

Publicou muitos livros com o objetivo de esclarecer o método de prática da ioga, seus princípios, suas posturas ou ásanas, as técnicas de respiração ou pranayamas, os benefícios para a saúde física, mental e afetiva, sua ligação com a religião, o encontro com a paz e com o Deus interior.

Para tal concretização, Professor Hermógenes, utiliza um discurso o qual é familiar para a realidade brasileira. Através de passagens bíblicas, figuras do cristianismo, estabelece relações entre o Oriente e o Ocidente e desmitifica o componente exótico da ioga no Brasil, procurando aproximar as duas culturas com vistas a encontrar um denominador comum.

O discurso por ele construído é adequado ao pensamento ocidental, contém de maneira aparente e inicial elementos de reencantamento do mundo, aproximação do homem com Deus, crítica à

valorização do ego na vida urbana e moderna e seus conseqüentes sofrimentos que traz ao homem.

É um novo discurso que procura traduzir a própria realidade do Ocidente refletido numa prática genuína do Oriente. Professor Hermógenes utiliza recursos culturais para explicitar a busca de existir plenamente, distante das ilusões materiais, do ceticismo da razão e da presença de um ego doentio, identificados como próprios da modernidade ocidental. E espera com isso, oferecer caminhos para a libertação, a aproximação do homem com Deus, a saúde física, o relaxamento mental e conforto espiritual.

Mas estas relações, inseridas no cenário religioso brasileiro, não são nulas de resistências.

A presença da ioga é vista com ressalvas por certos segmentos mais conservadores do Cristianismo entre setores do catolicismo e dos Petencostais.

A hipótese deste estudo é que o Professor Hermógenes privilegia conteúdos culturais cristãos como metáforas para estabelecer mediações com a prática e os ensinamentos da ioga.

A parábola do filho pródigo seria uma passagem exemplar da sua proposta, a reunião do filho com o pai evocaria o reencontro do homem com seu divino essencial, propiciado pela ioga.

Para este estudo serão analisados seis livros de sua obra dividida em duas fases.

Na primeira fase de sua obra são três livros com suas edições inaugurais nos anos de 1968, 1971 e 1978.

Já para ilustrar a segunda fase foram selecionados outros três livros que tiveram as primeiras edições nos anos de 1979, 1984 e 1992.

Tomei a liberdade em dividir sua obra em dois momentos devido a extensa lista de livros que Hermógenes escreveu e a um fator que mostrou ser determinante na construção de seu discurso, que foi o de descrever e assumir a sua identidade e sua própria experiência com a ioga.

O elemento divisor de sua obra seria então, a apropriação da ioga tradicional indiana para a criação da ioga do professor Hermógenes.

Na primeira fase é possível observar que seus livros trazem um modelo didático para apresentar a ioga aos leitores brasileiros.

Hermógenes reúne todos os recursos possíveis para apresentar a ioga como uma prática segura e eficaz em suas propostas e resultados. Como o processo de legitimação religiosa quando alia os princípios da ioga ao cristianismo e o de legitimação científica quando recorre a classe médica a qual aprova e recomenda a ioga.

Além de divulgar cartas e depoimentos de seus alunos e leitores que comprovariam as sugestões do método apresentado por Hermógenes.

Então este seria o principal objetivo destas primeiras obras: apresentar a ioga como um método legítimo, distanciado dos receios que um fantasioso e misterioso misticismo poderia lhe implicar. Talvez seja este o motivo de a identidade e o sujeito 'Hermógenes' não estarem evidenciados nesta primeira fase. A presença da experiência pessoal com a ioga foi sublimada para poder explicar e ensinar sobre o método com a garantia do mesmo estar livre de preconceitos, características próprias das exigências e objetividades da ciência.

Enfim, os livros expressam as mediações culturais que Hermógenes utiliza para adaptar a ioga ao Brasil.

Farei um breve resumo dos livros para esclarecer seus principais conteúdos:

O primeiro a ser publicado foi "Autoperfeição com a Hatha Yoga" com sua primeira edição em 1968 e Hermógenes o chama de manual. Faz uma apresentação geral da ioga como sua definição, seus elementos, as posturas (ásanas), os exercícios de respiração (pranayamas), a atitude mental, um guia de prática com seus possíveis efeitos e benefícios da ioga.

Segundo Hermógenes o livro explica que a ioga não é uma ginástica qualquer, uma instituição religiosa ou uma seita. Mas é sim um autotreinamento, uma nova medicina bastante eficiente e uma auto educação que tem como objetivo a Perfeição do Pai (HERMÓGENES, 2007). É uma convocação, um instrumento, um roteiro para a uma transformação, um enriquecimento de personalidades, a harmonização

de conflitos, a superação de doenças e o aflorar de amor e alegria (HERMÓGENES, 2007).

O segundo livro é intitulado “Yoga para nervosos”, de 1971, o qual traz o discurso da medicina ocidental como base de apoio para justificar a prática da ioga e a cura das doenças ‘modernas’ como a ansiedade, tensão, depressão, estresse.

Traz depoimentos de médicos a afirmar os benefícios da ioga, ou seja, Hermógenes demonstra a necessidade de apoiar seu discurso nas evidências científicas.

Assume que sua Academia, onde ministrava aulas práticas, serviu como um grande laboratório onde dispunha de muitos casos para pesquisar, analisar, inquirir e experimentar.

Assim nasceu o livro, com a criação de uma tese sobre a ioga que fundamenta sua proposta (HERMÓGENES, 2005).

Também o livro “Yoga: paz com a vida” publicado em 1978, é bastante representativo por trazer publicadas as cartas e correspondências dos alunos e leitores de Hermógenes, um registro dos resultados da prática da ioga. Estas cartas retratam a recepção, a repercussão e a assimilação da ioga no Brasil, além de denunciar as queixas, dores, lamentos e o pedido de conselhos em várias instâncias da vida. O livro traz também as respostas de Hermógenes a todas essas questões.

Já, na segunda fase, Hermógenes desprende-se da necessidade de provar os ‘porques’ da ioga. Com a conquista de uma proposta bem fundamentada e mediada pelos elementos culturais legítimos, Hermógenes pôde se aventurar em seus discursos.

Observa-se neste outros livros a presença marcante do sujeito Hermógenes. Há a descrição da sua experiência pessoal e a consequente reformulação da ioga tradicional indiana, ou ao menos das fontes adotadas por Hermógenes. Ou seja, Hermógenes apresenta-se ao público e assume seu sincretismo religioso, a busca da saúde perfeita, da paz e o deus interior.

Seguem os breves resumos dos livros da segunda fase:

Em 1979 Hermógenes publica 'Canção Universal', que traz em seu conteúdo uma inspiração poética, canções que descreveriam o Ser através de meditações e experiências. Hermógenes assume ter buscado inspiração em vários livros sagrados e realiza em seus versos um culto ecumênico inserido no cotidiano, com o objetivo de atribuir universalidade na vida (HERMÓGENES,1979).

Após um intervalo de seis anos, em 1984, foi lançado 'Yoga – Caminho para Deus'. Neste livro, Hermógenes, apresenta oito capítulos, em forma de prosa, sobre os caminhos que levariam a uma realização espiritual. Os capítulos seguem os princípios da ioga e Hermógenes propõe uma transformação da filosofia da vida através da ioga.

Por fim, 'Saúde plena com Yogaterapia' de 1984.

Aqui Hermógenes descreve detalhadamente como foi sua aproximação a ioga, sua doença e sua cura. Até então, ele citara brevemente esse recorte da sua biografia. Já na capa, está impressa a seguinte frase: 'Inclui 65 casos de cura', além de não mais referir-se a 'Hatha Yoga' ou a 'Yoga' de modo generalizante e sim a 'Yogaterapia' um termo criado por Hermógenes. Ou seja, está declarado: Hermógenes tem o seu método que é a 'Yogaterapia'. E este método possui um histórico de curas que comprovariam sua eficácia.

JUSTIFICATIVA

A ioga é um conhecimento tradicional e milenar produto da cultura indiana. As filosofias e religiosidades de origem de culturas distantes da experiência histórica ocidental, denominadas de 'orientais', foram introduzidas no Brasil principalmente pelos movimentos sociais iniciados na década de 40, 50 e 60, especialmente o da Contracultura.

A Contracultura apresentou ao Ocidente alternativas à racionalidade moderna, a revalorização da natureza frente à tecnocracia, a busca pela espiritualidade que não aquela apresentada pelas religiões

tradicionais do Ocidente, um outro modo de alimentar-se, um outro olhar e atitude em relação à vida, que incluía um reencantamento do mundo.

E toda esta perspectiva está presente na extensa produção bibliográfica do Professor Hermógenes.

Observar e descrever os elementos existentes na narrativa de Hermógenes, possibilita a compreensão dos modos de ser do homem em meio à cultura vigente.

Como sugere Hermógenes (1989, p.07) no trecho:

“... mas cada alma e cada corpo se retorcem neurótica e pateticamente num implodir – explodir desesperado”.

E ainda para ilustrar a afirmação anterior Hermógenes discursa sobre as propostas da ioga:

“Só o Amor, consumindo distâncias e desfazendo distinções, possibilita a re-ligação, a re-integração, re-unificação, re-união ou Yoga. Que é religião senão a religação do que antes estava separado, a re-integração do que antes era fragmentado, a re-unificação do que antes estava cindido, a re-união do que antes era dividido?” (HERMÓGENES, 1991, p.18).

A ioga é uma prática que possibilita refletir sobre a reação do modo de ser do homem ocidental, já que sugere mudanças de valores éticos, morais, culturais, sociais e também outras maneiras de experimentar o corpo, a alimentação e até mesmo a higiene.

Ela aparece como uma resposta ou solução para resolver problemas dos valores.

A prática da ioga, acompanhada pelas mediações ensinadas pelo Professor Hermógenes representaria possibilidades de novas corporeidades, uma reflexão que contribuiria para as investigações no campo da Educação Física.

São estes elementos que justificam a observação desta personalidade pioneira do Método de Hatha-yoga no Brasil. Além da importância dos conceitos e valores, criados pela mesma, como a Logoterapia, crítica a Egoesclerose e outras propostas para auxiliar o homem a encontrar a paz, felicidade e a saúde plena, destaca-se sua importância histórica na construção de novos gestos corporais entre brasileiros.

OBJETIVOS

A pesquisa teve como objetivo geral analisar seis livros da extensa bibliografia do Professor Hermógenes, com vistas a contextualizar o discurso construído pelo Professor Hermógenes nos entremeios culturais brasileiros.

Dessa forma, os objetivos específicos foram os de descrever, a partir do corpus analisado – as obras do Professor Hermógenes – como traços da cultura religiosa ocidental ajuda a introduzir a ioga no Brasil.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O procedimento metodológico foi o de reunir um corpus documental composto pela obra do Professor Hermógenes, a partir dos livros, sites e folhetos produzidos por ele. Caracterizam, estes documentos, as fontes primárias de investigação.

Foram identificados neste corpus, temas recorrentes que permitam compreender a inserção da sua proposta de ioga no Brasil, bem como adaptações a questões que o contexto apresentou nestes anos.

Com a delimitação de um corpus documental formado, nos moldes propostos por Barthes, o método de observação aponta para o que é qualitativo para “uma direção oposta às propostas padrão com respeito à amostragem estatística” (BAUER & AARTS,p.50). Para tal, assim define-se *“O corpus é uma coleção finita de materiais, determinada de antemão pelo analista, conforme*

certa arbitrariedade (inevitável) em torno da qual ele vai trabalhar” (BARTHES,p.104).

A produção literária do Professor Hermógenes, os registros em vídeo e até mesmo seu site pessoal possuem uma temática unificada e por isso formam um corpus específico para a observação da problemática e objetivos aqui apresentados.

Como descreve Maria Helena Villas Boas Concone quando tratou da importância da pesquisa qualitativa: *“A chamada pesquisa qualitativa parece especialmente necessária, quando as questões que estão em jogo dizem respeito ao desvendamento de valores do ethos, da visão de mundo, das representações, do vivido”* (1998,p.136).

A mesma autora ainda destaca que após a formação do *corpus* é possível explorá-lo através da análise de discurso:

“Um outro ponto de interesse na pesquisa qualitativa é o trabalho com a linguagem verbal (escrita ou oral).As técnicas de análise de discurso e de análise de conteúdo podem trazer uma contribuição importante para o pesquisador.Mas pode-se, igualmente, tomar o discurso como performance e trabalhá-lo de modo ampliado no contexto mesmo da comunicação’ (CONCONE,1998,p.134).

Seriam, então, os elementos componentes do método de investigação da obra de Hermógenes: a formação de um corpus e análise de discurso.

Para melhor esclarecer a escolha da análise de discurso como metodologia de investigação qualitativa considera-se que a linguagem não é *“simplesmente um meio neutro de refletir, ou descrever o mundo, e uma convicção da importância central do discurso na construção da vida social”* (GILL,2002,p.244).

Assim, o discurso de Hermógenes, seus textos e sua produção bibliográfica mostram-se relevantes para a investigação e observação dos elementos que perpassam a ioga em seu caminho do Oriente para o Brasil.

É importante dizer que a análise de discurso é uma metodologia que possui uma epistemologia bastante diversa de algumas outras e que seu ímpeto é oriundo das *“(...) críticas ao positivismo, pelo prodigioso impacto das*

idéias estruturalistas e pós-estruturalistas, e pelos ataques pós-modernistas à epistemologia” (GILL,2002,p.245).

Ela, análise de discurso, sugere outras maneiras de tratar as questões e permitiria, em suas múltiplas tendências, estabelecer relações entre a política e a linguagem, observar quais objetivos de uma narração, como se dá a organização da interação social e observar o discurso historicamente.

Aparentemente esta postura metodológica seria a mais adequada para os objetivos aqui propostos, os quais tratam de fenômenos pouco transparentes e por isso pedem por um questionamento conduzido por linhas particulares e contextualizadas ao discurso do Professor Hermógenes.

Como propõe Rosalind Gill, deve-se questionar as maneiras habituais de atribuir sentido às coisas com um espírito cético.

Segundo a autora: *“(...) a análise de discurso não procura identificar processos universais (...) o discurso é sempre circunstancial – construído a partir de recursos interpretativos particulares, e tendo em mira contextos específicos” (GILL,2002,p.264).*

Seria, então, o discurso de Hermógenes, particular, específico e portador de um sentido carregado de uma realidade tal, que quando investigada com o olhar da análise de discurso, permitiria verificar a hipótese das mediações que penetraram na ioga em sua passagem do Oriente para o Brasil, pelas mãos de Hermógenes.

Poderia já antecipar que a entrada das culturas orientais no ocidente ensina o indivíduo a lidar com as dificuldades e lhe confere competências que o liberta de intermediários como a figura do médico ou mesmo do padre.

Finalmente, define a análise de discurso:

“(...) é uma leitura cuidadosa, próxima, que caminha entre o texto e o contexto, para examinar o conteúdo, organização e funções do discurso (...) é uma interpretação, fundamentada em uma argumentação detalhada e uma atenção cuidadosa ao material que está sendo estudado” (GILL,2002,p.265).

Além das fontes primárias, este estudo vai valer-se, também, de fontes secundárias compostas por obras sociológicas e históricas que tratam do tema desta pesquisa sobre os movimentos sociais da Contracultura e da

Nova Era que fornecem a moldura histórica da penetração da ioga no ocidente, as novas religiosidades e novas corporeidades.

CAPÍTULO I - O ENCONTRO DE HERMÓGENES COM A IOGA

É importante descrever os caminhos percorridos por Hermógenes para o encontro com a ioga.

Nos seis livros aqui recortados, Hermógenes passeia por expressões em sânscrito, por definições dos estilos de ioga e aponta suas escolhas dentro deste universo amplo, diversificado e híbrido que a ioga pertence.

Muitas ressalvas poderiam ser colocadas a partir da maneira correta de escrever e pronunciar a palavra ioga. Já presenciei longas discussões acerca deste impasse.

Alguns praticantes usam ‘o Yôga’, outros dizem ‘a Yôga’ e ainda ‘o Yóga’ ou ‘a Yóga’ e ainda variações dessas expressões com ‘i’, como ‘a ioga’ ou ‘o ioga’. Enfim, estas formas se misturam, se encontram e desencontram. Não existe a forma única e correta, um consenso, de pronunciar o termo em português.

Por isso e para não acrescentar mais uma modalidade, escolhi por usar a forma ‘a ioga’ e a pronúncia ‘ióga’ por me parecer mais cabível ao português brasileiro.

No entanto, ao longo da dissertação poderá existir a presença de outras formas, já que Hermógenes mesmo escreve ‘yoga’ acompanhada do artigo ‘a’ e também ‘o’.

Outro impasse e incômodo poderia ser causado em relação aos estilos da ioga. Alguns grupos e praticantes costumam defender o estilo que adotam como o mais correto, fiel as origens indianas, verdadeiro ou eficiente.

Mas existem vários estilos de ioga, que se dividem entre a mais física, a mais religiosa, a de caráter meditativo. Dentre estes ícones uma infinidade de adaptações que obedecem às preferências dos mestres, iogues e professores.

Observo que para cada mestre de ioga, uma diferente adaptação acontece. É a personalização dos elementos que este considera mais relevante.

A ioga pura não existe. Assim como a ioga descrita por Hermógenes é uma adaptação, uma criação a partir de sua experiência.

É objetivo deste capítulo esmiuçar a experiência pessoal de Hermógenes com a ioga, já que a ioga é uma expressão que demanda a

experiência, o mergulho nos seus princípios e elementos que abrangem a conduta do homem em seu cotidiano.

Em seu primeiro livro ‘Autoperfeição com Hatha Yoga’, Hermógenes, conta brevemente como foi seu primeiro contato com a ioga.

Refere-se a ioga como um ‘milagre’ que mudara sua condição de:
“(...) ex-tuberculoso, ex-gorducho, ex-abatido, ex-angustiado, ex-fatigado, resgatado da infeliz ‘normalidade’ de nossos dias (...)” (HERMÓGENES, 2007,p.17).

Mas não era em seu livro inaugural o momento ideal para descrever sua própria experiência. Neste livro era necessário estampar as opiniões de mestres já consagrados, de médicos renomados e de casos bem sucedidos de terceiros com a ioga.

Nem mesmo em seu segundo livro publicado, ‘Yoga para Nervosos’, Hermógenes mencionou sua história. Em contrapartida, descrevia o método com características bastantes próximas às bulas de remédios.

Em ‘Yoga – Paz com a Vida’, ‘Canção Universal’ e ‘Yoga: Caminho para Deus’, também não há registros diretos da história pessoal de Hermógenes.

Já no livro ‘Saúde Plena com Yogaterapia’, Hermógenes, escreve sobre as razões que o fizeram procurar a ioga. Conta que antes da ioga era um homem com os mesmos diagnósticos que hoje atribui aos outros: ‘normótico’ e ‘egosclerosado’.

‘Normótico’ seria aquele que leva a vida sem metas, sem significados, sem serenidade, sem harmonia. Ou ainda:

“É o tipo tido por ‘normal’ na sociedade em que vivemos. ‘Normótico’ é o ‘mesmificado’, que, sempre buscando se ajustar ao coletivo, perde sua identidade e faz todas as concessões, aderindo à dança dos modismos que se sucedem. É subserviente à moda e, sem a mínima possibilidade de optar e discordar, adota as mesmas idéias, interioriza os mesmos valores, segue os mesmos líderes, consome os mesmos produtos, usa as mesmas vestimentas (...) Ele é um doente, mas ignora. Para ele, doença é algo que, temporariamente, retira-o de sua ‘normalidade’ – e acredita que a medicina, subserviente, virá em seu socorro para vencê-la” (HERMÓGENES, 2005,p.18).

Já ‘egoesclerose’ seria a doença do ego, o egoísmo que toma conta do indivíduo e o faz acreditar ser diferente e distante de todos, inviabilizando o encontro com o amor. Considera que é uma doença dominadora e a causa de todo o sofrimento humano (HERMÓGENES, 2005,p.19).

Os médicos diagnosticaram a tuberculose em estágio avançado em Hermógenes. Ele tinha 35 anos de idade e a doença já havia deixado suas marcas, teve as cordas vocais bastante prejudicadas, o que resultou numa quase completa afonia.

Nesse estágio, Hermógenes, passava por um desânimo sem igual. Para ele a tuberculose não era a doença em si, mas um dos sintomas de uma vida ‘normal’ que levava de acordo com as regras gerais da cultura de sua época.

Segundo Hermógenes a vida ‘normal’ era guiada por:

“Ambições, desleixo com a vida psíquica, apegos, ressentimentos, sofreguidões, maus hábitos (cigarro, bebidas alcoólicas, alimentação guiada tão-somente pelo paladar, excesso de trabalho, estresse) haviam derrubado meu sistema de defesa, e assim, o micróbio estava festejando sua vitória” (HERMÓGENES, 2005,p.20).

A verdade é que seu médico considerava a possibilidade de morte ou na melhor das hipóteses uma vida muito regrada e limitada.

Ele obedeceu as recomendações médicas e seguiu o tratamento proposto que foi de fazer o pneumotórax, a quimioterapia, repousar e alimentar-se bem.

Mas desde já Hermógenes tinha leituras de cunho ‘espiritualista’ e durante o tratamento, enfrentado de modo otimista, aproveitava seu tempo para ler, relaxar, auto-analisar-se, refletir, meditar, rezar e vivenciar sua espiritualidade que dizia o aproximar de Deus.

Estas vivências, explica Hermógenes:

“(...) me inspiraram, me permitiram vislumbrar o eterno nas coisas humildes que se passavam dentro de meu universo, tão ‘aparentemente’ limitado, e desvelar uma Realidade Transcendente, ‘normalmente’ oculta sob os densos véus das aparências transitórias. Desfrutei as delícias da Paz que o mundo não tem como oferecer (...) E a tuberculose?!Não me tocava. Eu marcara um encontro com a verdadeira saúde. Deus já estava me conduzindo até lá” (HERMÓGENES, 2005,p.21).

Esta passagem atesta a importância da experiência pessoal com a ioga.

Hermógenes passava por um momento de crise e ameaça da sua vida, que levou-o a buscar a transcendência da dificuldade imposta ao corpo e retomar todas as atitudes em relação aos hábitos, aos pensamentos, aos sentimentos.

Hermógenes diz que a transformação primeira é interna para depois alcançar a transformação do corpo. No caso, a interna é a aceitação de Deus em si que ocupa todos os espaços e cura.

Sobre a aproximação a Deus, a cura e o instrumento essencial da transcendência Hermógenes diz:

*“Sabia que quando eu conseguisse me religar a Ele, que não somente mora em mim, mas que realmente eu era, a doença seria vencida, pois a treva não resiste à luz. Meus exercícios espirituais, que se transformaram assim na mais perfeita, fecunda e feliz terapia, foram dirigidos para reduzir a verdadeira causa de enfermidade: a distância enorme que meu ‘Hermógenes’ (meu ego pessoal) impusera, separando-me do Ser que Eu Sou. A única vitória sobre a distância e a alienação tem um nome: **Yoga**. No corpo, Isto é, na superfície de meu ser, a terapia alopática ia vencendo etapas; na profundidade de mim, porém, nos níveis espirituais mais sutis, uma outra terapia avançava mais rapidamente – a terapia pela **re-ligação** (religião) com Deus, com a Perfeição. Somente anos depois, quando minhas pesquisas chegaram ao Yoga, descobri que Deus me ensinara o melhor da Yogaterapia (HERMÓGENES, 2005, p.22).*

Hermógenes passou por uma cirurgia e teve sua recuperação dificultada por uma pleurisia (água nos pulmões). Tratada a pleurisia o médico, surpreso, deu a notícia que o Professor estava curado prematuramente.

Apesar de ter se livrado da tuberculose, Hermógenes, sentia que ainda não havia recuperado inteiramente sua saúde. Além das recomendações médicas censurarem grandemente suas ações, como evitar o sol, banho de mar, nenhum aborrecimento, etc. Segundo o autor: *“A medicina daqueles dias só faltou recomendar evite viver, que é muito perigoso!”* (HERMÓGENES, 2005, p.31).

Em seguida retrata sua condição física de doente:

“Gordo, com 95cm de cintura, papadas gordas, músculos flácidos, articulações quase anquilosadas; sobre meus pés pesavam muitos quilos a mais e um enorme fardo de maus prognósticos. Prematuramente envelhecido ... A infecção fora debelada, mas a possibilidade de ser sadio era reduzida” (HERMÓGENES, 2005, p.32).

Mesmo com tantas restrições médicas, Hermógenes, decidiu começar a praticar ioga após ter lido sobre os efeitos terapêuticos positivos da técnica num exemplar do livro ‘The Yoga System of Health’ de Vithaldas. Complementou seu ímpeto autodidata com o manual ‘Sport et Yoga’ de Selvarajan Yesudian.

Muitas dificuldades e desconfortos surgiram, devido a sua condição física adversa, para uma prática que demandava certa flexibilidade, equilíbrio e força.

E disse que a persistência e a anulação da ansiedade permitiram que a prática diária fluísse para que as mudanças positivas comesçassem a surgir, como:

“(...) minhas roupas já não serviam de tão frouxas; a boa cor da vida se mostrava em meu rosto; uma nova disposição psicofísica começou a me empolgar; aumentavam a harmonia e a amplitude da minha respiração; a flexibilidade de músculos e articulações cresceu; senti-me rejuvenescer; senti a queda das barreiras e bloqueios que impediam um viver mais ativo e feliz; a vida, descontraída e alegre, coloriu meus horizontes; simultaneamente, sentia-me incansável, sereno, mais eficaz para pensar, decidir e agir” (HERMÓGENES, 2005,p.33).

Hermógenes atribui a sua cura a experiência da ioga. Assim descreve sua comoção sobre a recuperação da saúde:

“Ao passar dos dias, cresceu em mim um impulso de, em agradecimento a Deus que me dera tanto, fazer algo em favor de meus semelhantes, que tanto sofrem. Por que não tentar resgatar e ressuscitar tantos seres humanos, que ainda não conhecem o caminho da ‘mina’? Por que não colocar em livro minha experiência e meu convite para caminharmos juntos e juntos resgatar-nos, juntos salvar-nos, juntos ressuscitar-nos? Deus aprovaria e sem dúvida abençoaria e ajudaria. Foi por gratidão ao Pai que decidi fazer um considerável esforço em favor de todos os Seus filhos, meus irmãos” (HERMÓGENES, 2005,p.35).

Daí nasceu seu primeiro livro, ‘Autoperfeição com Hatha Yoga’, com a edição de estréia em 1968, um manual para a prática da ioga.

Feito um breve retrato biográfico de Hermógenes é importante também esclarecer sobre qual estilo de ioga ele se refere.

Se fizermos uma rápida pesquisa de quantos e quais estilos de ioga existem veremos que serão vários e poderíamos citar como tradicionais: a hatha-ioga, kundalini-ioga, raja-ioga, bhakti-ioga, karma-ioga, jñāna-ioga, laya-ioga, mantra-ioga, tantra-ioga, swāsthia-ioga, suddha-ioga, siddha-ioga, kria-ioga, ashtanga-ioga, iyengar-ioga, etc. Poderíamos citar a Power-ioga, um estilo inventado no ocidente devido a combinações dos diferentes estilos tradicionais e também a yogaterapia, o estilo criado por Hermógenes.

Sendo que para cada mestre, professor ou estudioso há uma definição específica para os estilos. Por isso, é imprescindível atermo-nos aqueles estilos citados na obra de Hermógenes, objeto de estudo desta dissertação.

Em sua primeira obra Hermógenes refere-se diretamente à hatha-ioga e inicia sua definição citando a parábola do Filho Pródigo: o retorno a casa do Pai que traria a ‘re-ligação’, ‘união’, ‘unificação’, proporcionadas pela ioga.

Inicia a definição de ioga como um termo geral, sem especificações de estilos. O significado da palavra ioga, “(...) vem da raiz sânscrita **yuj**, cujo significado é precisamente **jugo, junção, união, comunhão, integração** (...)” (HERMÓGENES, 2007,p.36).

Segue a definir e a explicar o termo ioga:

*“Yoga também quer dizer **unificação de si mesmo**. O que implica levar o homem vulgar a transcender o atual estado de mediocridade em que vive: ‘uma casa dividida contra si mesma’. O homem comum é um incoerente e desarmônico fervilhar de desejos, pensamentos, paixões, hábitos, emoções, preconceitos, sentimentos, idéias e ideais, lembranças, atitudes conscientes e inconscientes. O homem não é, infelizmente, uma unidade e sim um desastrado conflito, uma guerra civil incessante. Não tem paz. Não tem força. **Unificar-se**, tornando-se um todo harmônico, é seu destino superior. Em outras palavras, Yoga é o que lhe falta” (HERMÓGENES, 2007,p.37).*

Define, então, o que é a hatha-ioga que é ponto central do seu primeiro livro:

*“(...) Hatha Yoga, que etimologicamente quer dizer Yoga do **sol** e da **lua**, tendo por objetivo o **aperfeiçoamento do corpo e da mente e a utilização das imensas potencialidades que dormem no homem e que ele desconhece**” (HERMÓGENES, 2007,p.38).*

Ainda neste livro, ‘Autoperfeição com Hatha Yoga’, Hermógenes, cita brevemente outros estilos de ioga, segue as respectivas definições como consta em seus glossários:

“Astanga Yoga – Yoga dos oito componentes. (Asta: oito; anga: membro.) Ensinada por Patanjali, também chamada Raja Yoga” (HERMÓGENES, 2007,p.406).

“Ghatasya Yoga – Yoga fisiológica e fisioterapêutica” (HERMÓGENES, 2007,p.410).

“Hatha Yoga – Yoga da harmonia e unificação das polaridades universais: Há (solar) e Tha (lunar)” (HERMÓGENES, 2007,p.410).

“Karma Yoga – Método da yoga pela ação” (HERMÓGENES, 2007,p.412).

“Raja Yoga – Unificação pela conquista e aperfeiçoamento da mente. Também denominado Astanga Yoga” (HERMÓGENES, 2007,p.417).

É interessante notar que em alguns dos seus outros livros, aqui estudados, foram apresentados outros estilos de ioga e para os já citados e definidos foram acrescentados elementos e até mesmo modificadas as explicações.

Em ‘Canção Universal’ Hermógenes define assim os seguintes estilos de ioga:

“Bhakti Yoga – União a Deus (Atma) pelo caminho amor-devoto; redenção pela adoração” (HERMÓGENES, 2007,p.187).

“Hatha Yoga – Yoga (união, integração, unificação) pelo aprimoramento psicossomático, mediante a harmonização perfeita dos dois aspectos dialéticos da unidade psicofísica: Há, simbolizado pelo Sol, é o pólo positivo; Tha, simbolizado pela Lua, é o pólo negativo. Alguns chamam de Gathashya Yoga ou Yoga do ‘vaso físico’” (HERMÓGENES, 2007,190).

“Raja Yoga – Uma das formas de yoga – aquela que leva a mente à total quietude, possibilitando assim a percepção do sutil, e isola (Kaivalya) o Espírito (Purusha) da fascinação e do domínio da matéria (Prakriti). Foi ensinado por Patanjali em seu Yoga Sutra, uma das mais importantes escrituras da Índia. O praticante só alcança a meta (samadhi) depois que consegue atingir: a plena quietude psíquica (Yama e Niyama); a quietude e controle pneumoenergético (respiração e Prana); o silêncio da atividade sensorial; e o controle da atividade mental. Quando se conseguem tais metas parciais, os vrittis (agitação e funções da mente) se aquietam e param (nirodha), e esta é a meta final, o samadhi (transe espiritual)” (HERMÓGENES, 2007,p.197).

“Jnana Yoga – É a realização do ‘Eu Sou’ mediante a destruição da ignorância escravizante. É a união com o Supremo, mediante a sabedoria, o conhecimento” (HERMÓGENES, 2007,p.191).

Em ‘Yoga – Caminho para Deus’, Hermógenes, também faz modificações e novos estilos:

“Bhakti Yoga – Modalidade de realização espiritual através da devoção, da adoração e do amor a Deus ou a uma determinada expressão pessoal de Deus – o ishta devata. É adorando seu ishta devata que o bhakta atinge a união (Yoga) com a Divindade. Chama-se também Bhakti Marga (marga, caminho)” (HERMÓGENES, 2005,p.223).

Se na própria obra de Hermógenes é possível encontrar tantas variações, quantas seriam dos diferentes autores que estudam e praticam a ioga? Pressuponho que quase infinitas. Por isso é importante considerar a arbitrariedade do processo de classificação dos estilos de ioga e nos ater as escolhidas por Hermógenes que é aqui o protagonista.

“Jnana Yoga – União à Verdade Suprema (Sat, Deus) através da vitória sobre avidya ou maya (a grande ilusão frustradora). É avidya, a ignorância cósmica, que gera o egoísmo e as demais conseqüências: apego, aversão e medo de morrer” (HERMÓGENES, 2005,p.225).

“Karma Yoga – Método de Yoga pela ação; método de realização espiritual que consiste em atuar no mundo sem vincular-se aos méritos e deméritos resultantes do agir, do pensar, desejar e falar egoisticamente. É o agir impessoalmente em samsara, o mundo. É o agir que liberta e realiza Nirvana” (HERMÓGENES, 2005,p.225).

CAPÍTULO II – RECURSOS TEÓRICOS

Neste capítulo será apresentada uma série de autores que permitirá desenhar as rupturas e contestações no modelo cultural ocidental hegemônico e as aberturas para a ioga.

A ioga manteria um diálogo com as perspectivas religiosas e modos de realização da religião através do corpo. São estas aberturas que trouxeram espaço para a divulgação da obra de Hermógenes em meio a comoção dos movimentos do orientalismo, da contracultura e da antroposofia.

Estes movimentos redirecionaram as práticas sociais do trabalho, a tecnologia, a família, o papel da mulher, os gêneros, as relações com o corpo, com as religiosidades, a sexualidade, etc.

É neste contexto, o dos movimentos contestatórios importantes do século XX, que expressões como a ioga aparecem na oportunidade de oferecer outro meio de experimentar, vivenciar, as corporeidades, as religiosidades e suas instâncias. No século XX ocorre outro direcionamento de olhares para o Oriente fruto da Contracultura.

A Contracultura tinha como conceito e objetivo opor-se ao cientificismo do século XVII, uma resistência representada pela escolha de expressões como o artesanato, os ambientalismos, religiões orientais, cristãs, resgate da cultura popular e indígena, a ioga, a vida em comunidade e os estados alterados de consciência, enfim, outros valores (ALBUQUERQUE, 2001, p.117).

Foi um movimento caracterizado pelo intenso questionamento do modelo tecnocrático vigente e profundamente atrelado à ciência a qual conduziria e definiria as atitudes da humanidade, influenciando até mesmo a religião e as expressões artísticas. Ou seja, a ciência, a tecnologia e as especializações daí derivados, haviam assumido a posição de valor hegemônico para a sociedade em detrimento das oportunidades de libertação das expressões, das particularidades, da espontaneidade e do despreendimento.

É em defesa destes novos valores que o movimento da Contracultura surge.

Para Roszak a tecnocracia e a racionalidade científica não deveriam ser abraçadas sem algum tipo de resistência, segundo o autor:

“No entanto, para que haja alternativa à tecnocracia, é preciso que haja possibilidade de recurso a essa racionalidade redutiva ditada pela consciência objetiva. É nisto que consiste, creio, a meta fundamental da contracultura: proclamar um novo céu e uma nova terra, tão vastos, tão maravilhosos, que as pretensões descabidas da técnica tenham forçosamente de se retrair, diante de tamanho esplendor, a uma posição subordinada e marginal nas vidas dos homens. Criar e propalar tal consciência de vida exige nada menos que a disposição de nos abirmos à imaginação visionária em seus próprios termos” (ROSZAK,1972,p.242).

Apóia-se nas manifestações culturais do Oriente, entre elas a ioga, para demonstrar outras possibilidades de existir, distantes da mecanização do homem em todos seus âmbitos. Assim a contracultura, com a valorização das práticas corporais do Oriente altera esta situação, trazida pela tecnocracia, de mecanização do corpo para a exploração das sensações que o corpo pode proporcionar como estados alterados da mente e movimentos capazes de despertar outras experiências.

Este apontamento para valores outros e não o favorecimento dos que são técnicos e mecanizados como os industriais também aparecem e se mostram no corpo humano e suas práticas, que nas molduras da tecnocracia valorizava a sua performance e fisiologia (ROSZAK,1972,p.210).

Dentro deste contexto a ioga introduziu-se no Brasil como uma alternativa aos modos tradicionais de experimentar e vivenciar o corpo e também como referência distinta do paradigma cartesiano do corpo e da mente segmentados e independentes.

O corpo do homem comparado a uma máquina ou o homem substituído pela máquina são referências importantes da contracultura, que percebia o avanço da ‘despersonalização’ nas relações. Como sugere Roszak:

“Ao contrário do organismo humano, a máquina é capaz de perfeita concentração, perfeito autocontrole. Executa a única tarefa que lhe é atribuída, sem qualquer possibilidade de desviar a atenção. Age sem envolver-se. Em verdade, o fardo que a industrialização tirou do homem foi menos o trabalho físico do que a rotina mortal, que exige contínua e exaustiva concentração. (...) Do que se conclui: se a força muscular pode ser substituída por um mecanismo, quão mais conveniente seria substituir por outro mecanismo o cérebro que comanda o músculo! (...) Mas a cultura científica não dá margem a ‘prazer’, ou seja, a uma experiência de intenso envolvimento pessoal. O prazer é algo só conhecido pela pessoa: não se submete a coisificação” (ROSZAK, 1972,p.231).

Nesse sentido Fritjof Capra faz de sua prazerosa experiência pessoal de observar o movimento das ondas, perceber o ritmo de sua respiração para chegar a conclusão da existência do cosmos (CAPRA,1975,p.11). Insere na ciência, antes ‘coisificada’ segundo Roszak, certo romantismo que considera as sensações trazidas pela experiência.

Segundo Capra:

“(...) participar dessa dança cósmica de energia; percebi seu ritmo e ‘ouvi’ a sua música. Naquele momento tomei consciência de que aquela era a dança de Siva, o deus dos dançarinos adorados pelos hinduístas (...) começa a emergir da física moderna uma visão coerente do mundo, que se encontra em harmonia com a sabedoria do antigo Oriente” (CAPRA,1975,p.12).

As idéias de Capra se apresentam de forma orgânica e holista, unem o misticismo oriental aos avanços científicos do século XX e possuem forte apelo religioso (ALBUQUERQUE,2008,P.10).

Seria a oposição à racionalidade que sustenta os saberes científicos tradicionais, ou um novo paradigma iniciado na contracultura e o qual questiona modelos dualistas como corpo e mente, razão e emoção e o padrão de vida das sociedades industriais (RUSSO, 1993,p.112).

Denominaram-se, então, de Terapias Corporais Alternativas as práticas pertencentes ao movimento anteriormente descrito que pretendiam seguir os preceitos inspirados no Oriente como o holismo,

tratar e observar todos os fenômenos da vida humana na perspectiva mais ampla do universo e da natureza.

Apresenta-se como questão fundamental, de todas as transformações trazidas pela contracultura, uma nova forma de conceber o indivíduo.

A institucionalização dessa efervescência organizou-se e configurou-se no movimento da Nova Era, o qual obedeceria as mesmas novas direções propostas na Contracultura.

Descrever a Nova Era de forma sucinta seria o mesmo que reduzi-la, simplificá-la e não atender a sua diversidade e complexidade (CAROZZI,1999,p.09).

Esta situação com diferentes discursos entrecruzados, com uma cultura religiosa descentralizada, com uma realidade heterogênea, traria dificuldades para a escolha de um termo capaz de traduzí-la de maneira absoluta. Elencar alguns locutores dos discursos que se cruzam e criam esta atmosfera heterogênea e de difícil apreensão seria um modo didático para melhor compreender o fenômeno.

A Nova Era refere-se aos indivíduos que propagam a idéia das comunidades alternativas segundo a Contracultura, as experiências com terapias holistas e místicas, a valorização das religiões orientais, os ocultismos e esoterismos, a presença do divino na natureza e no indivíduo e a noção de auto-aprimoramento com fins empreendoristas (AMARAL,1999, p.77).

Talvez para definir a Nova Era seja necessário resumí-la como um universo complexo e dinâmico no qual estão reunidos os esoterismos, as ciências ocultas, as filosofias orientais, as meditações, o auto-conhecimento e o auto-aperfeiçoamento (TAVARES,1999,p.127).

Para esclarecer em qual atmosfera o universo da Nova Era foi criado remonta-se aos grupos de indivíduos dos Estados Unidos na década de 70, aos acontecimentos econômicos, culturais, sociais e ideológicos como o fim da Guerra Fria, a queda do Muro de Berlim e a hegemonia do mercado capitalista. Estes exaltaram valores como o individualismo e imediatismo aos quais a Nova Era se opõe (CONTEMPOMI,1999,p.146).

Um exemplo seria a cidade de Esalen, localizada no Estado da Califórnia nos Estados Unidos, que funcionou como um laboratório para a experimentação dos valores da Nova Era e da Contracultura voltados para os orientalismos com o objetivo de alcançar a idéia de do homem espiritualmente elevado e com todos seus 'autos' alcançados.

Na verdade, os interesses dos indivíduos pelas religiões orientais, experiências místicas, a ampliação da consciência, a percepção das sensibilidades, das sensações, o movimento livre do corpo, a libertação das experiências com o corpo, a idéia de harmonia e conectividade com a natureza, aliados a crença da existência de uma força maior tinham motivação de cunho político.

Seria um outro estilo de vida marcado por posturas contrárias às impostas pela modernidade as quais o homem se vitimizaria. Sempre numa direção de expandir a autonomia individual em detrimento das instituições e normas sociais, a proximidade a natureza contra as imposições da tecnologia, a valorização das sensibilidades versus o império da racionalidade.

Assim, o indivíduo concebido holisticamente, também passa a ser considerado como uma totalidade em si mesmo e integrado de forma harmônica ao cosmos (TAVARES,1999,p.115).

Inseridos nesta nova proposta estariam os elementos da religião, que assumiriam então, todos estes novos sentimentos e as novas propostas de existência, voltados para a esfera do individual e em oposição aos modelos de religião tradicional e institucionalizada.

Um ponto central e expressivo da religião na Nova Era, das novas religiosidades, é trazer o conceito do homem dotado de um potencial divino interior.

As figuras intermediárias entre homem e deus passariam a ser desnecessárias. O indivíduo assumiria em si mesmo a presença divina. Esta seria a verdade absoluta para qual todas as diferentes religiões conduziram de maneiras diferentes.

O reconhecimento e aceitação do potencial divino interior de cada homem seria responsável pela existência de uma verdadeira Nova Era.

Alguns estudiosos denominaram esta centelha interior de 'self', segundo a autora Carozzi:

“O lugar central entre estes conceitos, estendidos amplamente por toda a rede, é ocupado pela postulação de um interior sagrado no homem – alternativamente denominado centelha divina, SELF, Eu superior, mente inconsciente ou guia interno – harmonicamente ligado à Natureza” (CAROZZI, 1999,p.16).

O 'self' seria aquilo que permitiria o abrir, o alargar, o enriquecer, o desenvolver do indivíduo. É o que chamam de 'o verdadeiro eu', 'o espírito', 'o divino', é a fonte universal de energia, no sentido da possibilidade de experimentar o sagrado em si.

Pois esta nova concepção de indivíduo, de atribuir a si a necessidade de realização, do direito de manter a privacidade de suas propostas de transformação, próprias da Nova Era, tomaram um lugar de grande relevância no mundo e inauguraram novas formas de relacionamento do indivíduo com os elementos da vida (saúde, natureza, religião, afetividade, família, ciência, sexualidade, etc).

Nasce na Nova Era uma relação singular entre indivíduo, religião e sociedade. O indivíduo estaria no sagrado de forma inesgotável, mas não deixaria de ser amparado por um mercado de consumo profundamente presente no cotidiano.

Este seria o cosmos em que o indivíduo estaria inserido e que transformaria profundamente o processo de construção da realidade.

A ioga encontra seu lugar dentro deste cosmos, já que é parte das expressões genuínas do oriente. Ela inspiraria a experiência do sagrado no indivíduo, a reaproximação do homem com a natureza, a espiritualidade, os saberes e as religiões orientais, exatamente como os propósitos da Nova Era.

Assim, a ioga, traria a oportunidade de renovação e libertação frente aos modelos normativos do Ocidente, que acarretaria tantos distúrbios ao homem. Para encontrar a cura para estes males, o

indivíduo deveria transformar radicalmente a sua filosofia de vida. E o caminho seria praticar a ioga (HERMÓGENES,2006,p.33).

Os fenômenos da orientalização e do reencantamento do mundo ocidental estimulam a crítica às diferentes dimensões próprias da vida urbana, moderna e industrial. Como a hipervalorização do ego e apego aos bens materiais. Consideram, os seguidores dessa nova perspectiva, que são responsáveis pelo deslocamento da consciência do indivíduo em relação a si e ao mundo.

Orientalização, Contracultura, Nova Era, alternativo e para MAGNANI há ainda espaço para ‘Next Age’ e ‘Neo-Esotérico’, este último apelidado de ‘Neo-esô’.

É importante organizar todas estas evidências que teriam sido apresentadas de maneira pouco metodológica. Já que este fenômeno não é meramente uma manifestação do mercado e nem mesmo um caos semiológico, ele apresenta uma determinada ordem que pede por uma estratégia para melhor descrevê-la.

Apresenta-se uma outra e nova forma de classificação de todas as possíveis expressões que estivessem inseridas no movimento. E este quadro heterogêneo, pouco claro, foi organizado em três categorias: ‘divulgação e formação’, ‘terapias’ e ‘vivências’ (MAGNANI,1999,p.34).

A ioga estaria incluída na categoria de ‘terapias’, que segundo o autor seria o:

“grupo que inclui toda a variedade de práticas de atendimento individual ou coletivo voltadas para a cura e prevenção de distúrbios e também técnicas para o desenvolvimento de potencialidades psíquicas ou corporais” (MAGNANI,1999,p.34).

Em muitos momentos este também poderia ser o discurso de Hermógenes para a funcionalidade da sua ioga, como veremos nos capítulos mais adiante.

Em busca por alguma regularidade passível de submissão a metodologia da ciência, neste cenário de obscuridades e opacidades, MAGNANI escolheu por investigar a presença das categorias do

movimento na cidade de São Paulo. Haveria um padrão de distribuição das ofertas das práticas alternativas na cidade.

Se vale da noção de circuito, que formaria um conjunto, uma categoria, um grupo, que incita sentidos comuns em meio ao que era considerado caótico e desfigurado.

Outra autora a mencionar a cidade e centros urbanos como pano de fundo ao movimento foi CAROZZI. Ela sugere a Nova Era como 'macromovimento' próprio das classes médias urbanas do Ocidente, principalmente nos grupos com alto nível de educação.

Localizada a presença da ioga nos centros urbanos e considerados os costumes do homem que habita a cidade, a prática da ioga seria responsável por mudanças nos costumes tradicionais de alimentação, higiene, saúde, visão de mundo e a descoberta de novas corporeidades.

Através de exercícios e práticas corporais seria possível a construção de um outro corpo, ele perde marcas de origem de classes ou qualquer outra que identifique o sujeito a grupos sociais, já que haveria uma volta ao estado 'natural' do corpo, uma libertação das marcas e uma reaproximação da natureza (BARROSO,1999,p.52).

Todos estes conceitos e preceitos envolvem profundamente a ioga e o discurso do Professor Hermógenes. Em toda sua extensa obra literária, são mais de trinta livros publicados, estão presentes elementos da cultura Oriental e a sugestão de como adaptar esta realidade à cultura brasileira.

O Professor Hermógenes sugere que através da ioga o homem pode entrar em contato com Deus. Diferentemente das religiões institucionalizadas não há necessidade de intermediários, mas sim, que existe em cada homem um Deus interior que pode ser despertado através das práticas corporais (HERMÓGENES,1989).

Está então, sugerido que a obra de Hermógenes e sua ioga estão inseridos neste cosmos, entre heterogeneidades, opacidades e que a sua proposta relacionada à religião assume os contornos que a Nova Era traz.

Pode-se dizer que a Nova Era é um movimento social, que aceita justificativas sobrenaturais para os acontecimentos coincidentes dentre os indivíduos que participam dos grupos alternativos, mas não efetivam laços de sociabilidade. Seria a sacralização da autonomia individual (TAVARES,1999,p.186).

Estes elementos atravessariam a obra de Hermógenes e suas propostas de intermediações culturais.

No caso, os dizeres da ioga exemplificados com o cristianismo assumiriam as molduras deste macromovimento da Nova Era e a sacralização do indivíduo.

Paralelamente, a recepção da Nova Era e a participação da ioga por diferentes experiências religiosas mostram as competições no mercado de bens religiosos. No mínimo seriam expressões na periferia das religiões.

O autor Antonio Maria Baggio diz que com as ‘disciplinas do corpo e da mente’ vindas do Oriente a pessoa estaria diretamente em contato com a natureza e estas ‘disciplinas’ também estariam relacionadas ao esoterismo e os psicologismos (BAGGIO,1994,p.15).

O mesmo observa que as ‘disciplinas’ podem oferecer elementos sagrados nem sempre autênticos, segundo Baggio:

“É impressionante a grande quantidade de experiências religiosas e o clima ‘sacral’ no qual muitas atividades são desenvolvidas. Entretanto é preciso distinguir: nas respostas ao questionário são mencionadas manifestações religiosas autênticas, que buscam um encontro com Deus e com o divino, ao lado de simples técnicas de relaxamento ou de introspecção (...) Basta pensar no papel da loga no hinduísmo, ou na função da meditação no zen budismo: a técnica está a serviço do objetivo religioso maior; é um trabalho do ‘eu’, que abre a pessoa à experiência religiosa; mas na verdade não produz, por si mesma, a experiência religiosa, como numa relação causa-efeito” (BAGGIO,1994.p.16).

Baggio diz que a Nova Era, no termo por ele escolhido ‘New Age’, não possui um real movimento de transformação e por isso estaria

sujeita a ser apenas um campo de consumos espirituais imergidos numa atmosfera sacra (BAGGIO,1994,p.33).

Haveria, então, uma tentativa de unificação religiosa e critica o fato de o cristianismo ser deixado para trás por muitos jovens, para buscar a espiritualidade em outras direções; os cristãos deveriam redescobrir o homem ligado ao cosmos, segundo a ‘New Age’, através do próprio Evangelho.

Como descreve o autor:

*“Uma das verdades que se descortinam no nosso tempo diz respeito, por exemplo, à íntima relação entre o homem e a natureza, aspecto muito vivo na **New Age**. No cristianismo é possível (...) uma experiência espiritual de comunhão com a natureza e de consciência da própria pertença a um todo, consciência de ser criatura na Criação; é possível contemplar a ‘luz’(...)”* (BAGGIO,1994,p.57).

Para Baggio a ‘New Age’ remonta a crise religiosa do Ocidente, mais precisamente do cristianismo ainda pouco compreendido (BAGGIO,1994,p.61).

Assim a ioga é observada a partir da religião da qual o sujeito é mais próximo e a que melhor compreende.

Existe até mesmo um livro com o título “Ioga para cristãos ou o caminho do silêncio” de J.M. Déchanet que se diz um ‘iogista do Cristo’, mas mais fiel a sua vocação de cristão do que a de ser monge e estipula limites e modos de praticar a ioga sem ferir os princípios cristãos.

O autor descreve a ioga:

*“Senti que, sendo mais dirigida para a atividade interior, transformaria ela meu corpo em instrumento mais apto para a contemplação da vida meditativa e que realizaria, sobretudo, a união, a tão almejada junção dos meus três: **anima, animus, spiritus**”* (DÉCHANET,1962,p.13).

Mas sua prática deveria ser regida com cautela, já que a experiência deveria conduzir ao ‘Absoluto’ Deus de Abraão, de Isaac e

de Jacob. Não deveria ter como fim o “Inapreensível’ nebuloso dos místicos hindus” (DÉCHANET,1962,p.14).

Para tal seria necessária a sublimação dos deuses hindus e a exaltação de Cristo, assim, haveria a diferenciação entre o cristão diante da ioga e a ioga hinduísta.

Segundo o autor:

*“Em suma, além de permanecermos cristãos, penetraremos no próprio coração do Cristianismo mais autêntico. Com respeito às práticas ióguicas, tomá-las-emos em sua verdade exata: nem religião, nem mística, mas simplesmente disciplina e arte, arte genial de unir e congregar em nós elementos, demasiadas vezes, dispersos e divididos; de dilatar dentro de nós a vida espiritual, divina para nós muito mais que para o indiano. Ajuntando, ajudando a Graça a unir com Deus a criatura privilegiada, edificaremos a parte própria da ioga cristã. Consideraremos a ioga como uma **técnica** que permite ao homem viver, quando isso convenha, no silêncio efetivo dos sentidos, desejos e paixões humanas; silêncio da mente, apartando preocupações e, acima de tudo aceitando calar para que possa, de vez em quando, o Espírito Santo falar e o espírito humano escutar”* (DÉCHANET,1962,p.70).

Esta ‘técnica’, a ioga, não seria profana, pois estaria estritamente no plano físico (DÉCHANET,1962,p.95).

Por outro lado entre os Petencostais, considera-se que os ocultismos, a Nova Era e suas propostas, são ‘portas de entrada’ para algo demoníaco satânico.

Que estas expressões estariam vestidas de princípios cristãos, mas que trariam o hinduísmo como verdadeira essência. Isso seria perigoso porque o hinduísmo unido à ioga e seus efeitos de vibrações, energias, a auto-percepção, a consciência elevada, a presença divina no interior do indivíduo, seria a manifestação dos espíritos demoníacos (BROWN,1998,p.162).

A liberdade da mente, do corpo, do espírito, dos desejos, conquistados pelos indivíduos na Nova Era e em expressões como a ioga ameaçariam a instituição Petencostal. Justificam que Deus pede

para controlar a mente e não para esvaziá-la, pede por um contato com Ele e não em senti-lo no corpo humano em forma de energia.

Ao distanciar a ioga do fundamentalismo Petencostal, sugere-se que esta surja como 'algo novo' que revisita e transforma valores consolidados como os do cristianismo. Que existe uma diversidade nas possíveis reações manifestadas pelas várias religiões e instituições religiosas e talvez não ocorra a fidelidade em relação as tradições das mesmas, pois como ocorre nas obras de Hermógenes, na ioga modela-se as formas das terapias e aos 'autos' aperfeiçoamentos.

Líderes cristãos dizem que a ioga não é apenas o uso de exercícios ingênuos para a promoção da saúde, mas sim um risco, devido ao seu conteúdo religioso. (APOLLONI,2004,p.56).

A ioga poderia desviar os fiéis cristãos, por apresentar ligação ao panteísmo hinduísta. Para os cristãos é necessário então, para garantir a fidelidade de seus fiéis, a distinção entre a técnica dos exercícios ióguicos e a filosofia hindu.

Muitos dos discursos dos mestres e professores de ioga assumem uma 'cosmovisão panteísta' e a prática corporal das posturas seria um campo neutro, remeteria a terapia, a busca da saúde e não ao culto dos misticismos. Já que seguem o modelo cartesiano e consideram o corpo como matéria 'menor', de pouco valor espiritual, suscetível ao mundanismo.

Enquanto a mente seria a essência superior do homem, a qual conduziria seu espírito a luz e bênção divinas esta essência não seria corrompida pela ioga, pois é vista como experiência restritamente física.

Ao conciliar os misticismos à experiência física da ioga, outras perspectivas de crenças poderiam surgir. Assim como o surgimento de outros deuses, a atribuição de forças sobrenaturais a objetos, os amuletos, e a ampliação das experiências de fé para além dos limites da tradição cristã.

Caso os fiéis cristãos seguissem esta conciliação da ioga ao misticismo estariam suscetíveis ao paganismo e aos demônios. (APOLLONI,2004,p.63).

Mas para o discurso do Professor Hermógenes, é inicialmente apresentada a possibilidade de conduzir o homem, independente de sua religião, para o caminho da ioga através das passagens da Bíblia.

Em um artigo da Revista Planeta Hermógenes (1977) reflete sobre a existência humana e toma como referência autores como Lavoisier, Freud, Marcuse e Aristóteles. Deixa registrada uma afirmação que permeia toda a sua extensa bibliografia:

“A perfeição divina é potência em nós. É em nós, embora ainda em estado germinativo. Digo assim porque acredito em Jesus. Não foi ele que disse ‘Sede perfeitos como vosso Pai que está nos céus’?”
(HERMÓGENES, 1977, p.28).

Dessa forma, Hermógenes faz da prática da ioga um ritual de busca da compreensão da existência humana e utiliza além das palavras de Jesus, no cristianismo, referências de várias outras religiões, a fim de difundir a todos a idéia de paz, amor, libertação, saúde que a ioga prega. Com isso, procura se colocar acima das diferenças entre as diversas opções religiosas.

Portanto, Hermógenes traz elementos do clima cultural dos anos 50 e 60 para traduzir o Oriente, a Índia, a ioga, para os olhos ocidentais. E este ato de transcrever o mundo oriental agrega, transforma e cria novos valores.

Em seu livro “Psicologia e Religião Oriental” Carl Gustav Jung, apresenta a relação entre a ioga e os homens ‘racionalizados’ da cultura ocidental.

Jung diz que a ioga misturou-se ao clima de valorização da ciência e do tradicionalismo religioso do Ocidente e possibilitou a fertilização da dimensão religião e saúde.

Assim, a presença da ioga no Ocidente foi recebida pela ciência, tratada academicamente e acolhida como algo dotado de elementos religiosos, mas sem o status de uma religião tradicional ou institucionalizada (JUNG, 1963, p.52).

Na Índia, de modo geral, Deus está presente em todas as coisas e todos os seres. Já no ocidente há uma intermediação entre Deus e os fiéis, além de existir uma ruptura entre a ciência e a religião.

Devido a tais peculiaridades culturais é possível afirmar que a ioga praticada na Índia não é a mesma do ocidente.

Mas talvez seja difícil e ingênuo considerar que a ioga, ao ser inserida no Ocidente, manteria todos seus elementos intocados e estáveis. Os processos de distanciamento da essência de sua origem, a aproximação ao novo cosmos que a abrigará, enfim, os hibridismos, são intrínsecos a este processo de imigração e emigração.

Este caminho de deslocamento, de seu berço para um novo leito, é seguido pela ioga, pela acupuntura, budismo, culinária, etc. Esperar a pureza destas expressões, em seu novo território, é dispersar as possíveis transformações da realidade.

Esta observação expressa o contraste do contexto em que a ioga se insere, pois no Ocidente ela se distancia, segundo Jung, da sua origem indiana e se aproxima dos mecanismos da tecnocracia e do cientificismo.

Uma outra declaração de Jung é de extrema importância para uma investigação inicial do discurso do Professor Hermógenes acerca dos modos de significação da ioga para o Brasil: *“Com o passar dos séculos o Ocidente irá formando sua própria ioga, e isto se fará sobre a base criada pelo Cristianismo”* (JUNG, 1963, p.60).

Assim o faz Hermógenes em sua obra.

OS AFORISMOS DE PATANJALI

Antes de iniciar as observações diretas sobre as obras de Hermógenes, é importante ressaltar uma referência, fundamental para este estudo que são os ‘Aforismos de Patanjali’.

Este texto constitui o mais clássico e antigo registro da ioga.

Adotar este registro ‘puro’ da ioga permitirá identificar as particularidades da obra de Hermógenes.

Os ‘Aforismos de Patanjali’ divide-se em quatro capítulos que descrevem os objetivos da ioga, seus elementos e os modos corretos da prática. É um texto do século V d.C. composto de frases curtas que expressam experiências psico-fisiológicas proporcionadas pela ioga. Não é um texto argumentativo, mas só declara a experiência. Decorre da tradição oral e foi recuperado no século XIX, apresenta um quadro das propostas da ioga.

Escritos de forma direta e em tópicos, os aforismos, aparentam ser a primeira impressão de um conhecimento transmitido, até então, oralmente.

O primeiro capítulo consiste em tópicos sobre a definição da ioga, a concentração (objetivo, método de controle, formas de concentração, os processos para atingir o Samadhi, o mantra ‘Om’ e formas de meditação).

No segundo capítulo são apresentados tópicos sobre os oito graus da ioga e seus elementos (yama, niyama, asana, pranayama, pratyahara, dharana, dhyana e samadhi) e as maneiras de praticar a concentração.

No terceiro capítulo são descritos os poderes que decorrem da prática da ioga com o cumprimento da ‘concentração num só objeto (Dharana)’, a ‘meditação (Dhyana)’ e a ‘superconsciência (Samadhi)’.

A conquista destes estágios da prática permitiriam alcançar o estado de Samyama (o perfeito controle do espírito).

Ainda neste capítulo, são sugeridas as possibilidades dos ‘poderes adquiridos’ com a prática e suas decorrentes transformações

no indivíduo, como ‘a transformação dos poderes mentais’, os ‘poderes sobrenaturais’ e o ‘isolamento ou liberdade completa’.

No quarto e último capítulo, os tópicos discorrem sobre a ‘independência’ adquirida com a ioga, os ‘desejos e objetos da mente’ e finalmente, o ‘isolamento completo’.

As comparações com a obra de Hermógenes e a ioga original dos aforismos serão realizadas ao longo da dissertação conforme aparecerem as oportunidades e temas comuns.

Anteciparemos a definição atribuída a ioga nos aforismos a fim de demonstrar a distância entre o ‘puro’ e a adaptação que Hermógenes realiza. Como no seguinte trecho: “2. *Yoga é impedir que a substância mental (Chitta) tome forças variadas (Vrittis)*” (YUTANG, 1966,p.183).

Não há citações que sigam a etimologia da palavra ioga nos aforismos, como faz Hermógenes em algumas passagens da sua obra. A ioga seria instrumento, prática, atitudes que permitiriam o controle da mente.

Todas as sugestões de encontro com o Deus interior seriam próprias de Hermógenes, já que nos aforismos não é explicitada a relação direta da ioga com a religiosidade.

Nos aforismos é possível observar a descrição de comportamentos que seriam prejudiciais a saúde física e mental do indivíduo. Seriam os ‘obstáculos’ para alcançar o estado superior da mente, chamado de ‘Samadhi’ pelos indianos e de ‘felicidade’ pelos ocidentais. Ou ainda, os obstáculos referidos nos aforismos seriam traduzidos por termos comuns da área de psicanálise na obra de Hermógenes.

Segundo os aforismos, para atingir o Samadhi (estado superior da mente ou do espírito) é sugerido que o indivíduo livre-se dos obstáculos:

“30. A enfermidade, a preguiça mental, a dúvida, a falta de entusiasmo, a letargia, a tendência para os prazeres dos sentidos, a falsa percepção, a impossibilidade de atingir um perfeito estado de concentração e a facilidade de perdê-lo, uma vez atingido, são as distrações que obstruem.

31. O sofrimento, a angústia mental, o tremor do corpo, a respiração irregular acompanham a não-retenção de um perfeito estado de concentração.

32. Para corrigir este estado é preciso que o sujeito se exercite” (YUTANG, 1966,p.186).

Segundo Hermógenes estes obstáculos seriam resumidos em uma palavra: ego. Uma adaptação a partir de termos que a psicanálise apresentou. A doença do ego, a egoesclerose, é a razão de tantos sofrimentos para o indivíduo, diz Hermógenes.

É possível observar uma série de adaptações dos elementos da ioga a partir dos aforismos.

CAPÍTULO III - IOGA E RELIGIÃO

Neste capítulo serão abordadas as possíveis relações estabelecidas entre as obras de Hermógenes e a religião. É possível, observar na bibliografia, aqui recortada, vários elementos presentes dos chamados ‘novos movimentos religiosos’.

A obra de Hermógenes representaria uma ‘configuração’ dos movimentos sociais da Contracultura e da Nova Era e seus modos de relação com as formas de religiosidade.

Com o encontro entre a ioga, expressão genuína oriental, e as religiões tradicionais do ocidente, Hermógenes apropria-se de ambos elementos e sugere outras formas de religiosidade no ocidente. Neste sentido, observa-se também a valorização do reencantamento do mundo, da magia, do ‘self’, do cristianismo e das religiões orientais que implicariam numa transformação dos valores religiosos.

Ocorreria um encontro, aparentemente harmônico, entre toda a sorte de religião, deuses, santos e entidades divinizadas nas palavras de Hermógenes. Oriente e Ocidente se encontrariam e formariam uma nova maneira de vivenciar e experimentar a religiosidade.

Em uma mesma oração estariam, Budha, Shiva, Krishna, Jesus Cristo e a idéia de plenitude alcançada e conquistada, conhecida como o paraíso (cristão) e samadhi ou nirvana (iogue) se confundem ou passariam a representar um mesmo símbolo ideal de maior e melhor estágio de espiritualidade. Como nesta passagem, da obra ‘Canção Universal’, de Hermógenes:

*“Obrigado Jesus, que me ensinas a vir a tornar-me um Buda. Obrigado, Sidarta, que me guias de volta ao Ser. Obrigado, Krishna, que me instruis em **cristianizar-me**. Obrigado, Pai, por teres filhos tão iguais a Ti”* (HERMÓGENES, 2007, p.16).

É assim que Hermógenes segue a tratar as religiões. Num movimento de unir elementos, o que resultaria nesta nova maneira de religiosidade. Ao

pedir a bênção divina, Hermógenes não escolhe apenas uma divindade, recorre a Krishna, Cristo e Buda.

Observa-se que os novos movimentos religiosos celebram as misturas e os sincretismos ao invés de valorizar a pureza cultural das religiões tradicionais e institucionalizadas (ALBUQUERQUE, 2008,p.10).

Na verdade, o que há de novo não está diretamente manifestado nas religiões, mas sim, nas outras maneiras de relacionamento com estas. E é justamente a cultura alternativa que permite esta 'nova consciência' (SOARES, 1994,p.206).

Como a pureza cultural não poderia ser mantida, devido as novas formas de relacionamento do indivíduo com a religião, ocorria a manutenção dos valores tradicionais da religião. Seria exatamente isto o que Hermógenes promove com sua narrativa. Ocorre um questionamento das instituições religiosas tradicionais do Ocidente, quando Hermógenes sugere outras divindades e modos de alcançar Deus, mas o primeiro modelo não é totalmente abandonado.

Esta 'nova consciência' seria então caracterizada por uma pluralidade que pode ser considerada como a sua essência. Para os fiéis e seguidores das religiões tradicionais esta situação é inexistente, ela poderia ser considerada em momentos de crise, mas não tomada como oficial ou legítima.

Mas no contexto atual, a presença da pluralidade e a possibilidade de abertura para os misticismos são mais facilmente aceitos (SOARES, 1994,p.207).

Hermógenes propõe ouvir todas as divindades para guiar os modos de atuar no mundo. Cita numa mesma passagem conselhos de Jesus, Confúcio, Buda, Lao-Tsé e Alá (HERMÓGENES, 2007,p.66). Seria o esgotamento do modelo tradicional da religião e de suas moralidades que impulsionariam a busca por outros caminhos de encontro com o divino.

Através de experiências com terapias, esoterismos e práticas alternativas, enredadas num impulso de o indivíduo libertar-se das linhas limítrofes do sistema tecnocrático e massacrante para uma vida com supostas relações justas e baseadas em igualdades (SOARES, 1994,p.190).

Justifica, assim, os novos tipos de relação que a ‘nova consciência’ trouxe, em meio às práticas consideradas alternativas e ao mundo moderno e suas implicações sobre o indivíduo.

Além dos modos de relacionar-se com o divino ser diferente, destaca-se também um conteúdo cultural mais abrangente. Este permite ao indivíduo acreditar que sua fé é regida por uma outra força, influenciada pelos misticismos, pelas experiências individuais e pelo cosmos alternativo e não somente pelo que era institucional e tradicional no campo religioso.

Assim, Hermógenes propõe a experiência com o divino através da ioga e dos princípios cristãos

Em alguns casos os elementos tradicionais são até mesmo reforçados, como é o caso da parábola do ‘Filho Pródigo’, presente em muitos momentos da obra de Hermógenes.

Segue a parábola conforme está no Evangelho de Lucas:

“Disse mais: Um homem tinha dois filhos, o mais novo deles disse a seu pai: Pai, dá-me parte dos bens que me toca. Ele repartiu entre eles os bens. Passados poucos dias, juntando tudo (o que era seu), o filho mais novo partiu para uma terra distante, e lá dissipou os seus bens, vivendo dissolutamente. Depois de ter consumido tudo, houve naquele país uma grande fome e ele começou a sentir necessidade. Foi, pois, e pôs-se a serviço de um dos cidadãos daquela terra. Este mandou-o para seus campos guardar os porcos.

Desejava encher o seu estômago das landes que os porcos comiam e ninguém lhas dava. Mas, tendo entrado em si, disse: Quantos diaristas há em casa de meu pai, que têm pão em abundância e eu aqui morro de fome! Levantar-me-ei, irei ter com meu pai e lhe direi: Pai, pequei contra o céu e contra ti; já não sou digno de ser chamado teu filho; trata-me como um dos seus diaristas.

Levantando-se foi para seu pai. Quando ele estava ainda longe, seu pai viu-o, ficou movido de compaixão, e, correndo, lançou-lhe os braços ao pescoço e beijou-o. O filho disse-lhe: Pai, pequei contra o céu e contra ti; já não sou digno de ser chamado teu filho. Porém o pai disse aos seus servos: Tirai depressa a veste mais preciosa, vesti-lha e ponde-lhe um anel no dedo e os sapatos nos pés; trazei também um vitelo gordo, matai-o, comamos e banqueteemo-nos, porque este meu filho estava morto e reviveu; tinha-se perdido e foi encontrado. E começaram a banquetear-se.

Ora o filho mais velho estava no campo. Quando veio e se foi aproximando da casa, ouviu a sinfonia e os coros, chamou um dos servos e perguntou-lhe que era aquilo. Este disse-lhe:

Teu irmão voltou e teu pai mandou matar um novilho gordo, porque o recuperou com saúde. Ele indignou-se e não queria entrar. Mas o pai, saindo, começou a pedir-lhe (que entrasse). Ele, porém, respondendo, disse a seu pai: Há tantos anos que te sirvo, nunca transgredi nenhum mandado teu e nunca me deste um cabrito para eu me banquetear com os meus amigos; mas logo que veio este teu filho, que devorou os seus bens com meretrizes, lhe mandaste matar um novilho gordo. Mas o pai disse-lhe: Filho, tu estás sempre comigo, tudo o que é meu é teu; era, porém, justo que houvesse banquete e festa, porque este teu irmão estava morto, e reviveu; tinha-se perdido e foi encontrado” (Evangelho de Lucas 15:11-32).

Hermógenes adapta e reconta esta parábola:

*“Contou-nos Jesus que um filho, ansioso por conhecer o mundo, um dia pediu ao pai a herança e partiu em viagem. No início, a **ilusão** e a **atração** do que é mundano **afastaram-no** cada vez mais daquele lugar – **a casa paterna** – onde desfrutara segurança, alegria, amor, paz, beleza e verdade. Tempos depois, os recursos que trazia foram-se esgotando. Os prazeres e os amigos até então compráveis com dinheiro, aos poucos foram-se tornando mais raros, até que se foram de todo. A dor substituiu os prazeres; a solidão, os amigos. A inquietude ocupou o lugar da segurança. O medo, a miséria física e moral tornaram-se todo-poderosos em sua desgraçada vida. Foi então que tenuamente, quase inconscientemente, o **filho pródigo** começou a **sentir** que somente poderia salvar-se se voltasse a **unir-se a seu lar paterno** (HERMÓGENES, 2007,p.36).*

Esta parábola, para Hermógenes, representaria o reencontro do homem com a felicidade pelos caminhos da ioga (uma filosofia, ciência, técnica), que permitiria a unificação de si mesmo. Extinguiria um estado de mediocridade, de incoerência e de desarmonia. O homem por não ser uma unidade e estar em constante conflito, precisaria unificar-se com a prática da ioga (HERMÓGENES, 2007,p.37).

O encontro consigo, o retorno à casa do pai, a união, remetem ao encontro do indivíduo com seu deus interior.

Para Hermógenes, ‘unificar-se’ é dizer que ‘eu e o Pai somos um’. Um momento de encontro entre a busca da espiritualidade e a busca da religiosidade cristã com a prática da ioga.

Seriam os diálogos entre as religiões tradicionais e as orientais, em direção ao esoterismo, que também teriam guardado sua parcela de importância na manifestação dos ‘novos movimentos’ religiosos. Pode-se dizer que o esoterismo é, muitas vezes, aproximado e ligado ao misticismo.

Os termos ‘esoterismo’ e ‘misticismo’ misturam-se constantemente. Ambos remetem a possibilidade de experiências distintas das triviais que levariam o indivíduo para outros planos existenciais ou o aproximaria das divindades. Ou ainda, estes termos afirmariam a aceitação de um indivíduo unido e integrado ao divino, numa unidade que igualaria a alma humana à essência divina. A salvação estaria no próprio homem e na sua consciência (BERGER,1973,p.118).

O misticismo seria responsável por aproximar o homem e o divino. E a ioga, parte de todo este contexto, contribuiria com esta aproximação. Hermógenes propõe o homem como filho de Deus, feito à sua semelhança, diz: *“Eu sou Tu.Tu és eu”*, como um mantra, numa constante sugestão de equivalência (HERMÓGENES, 2007,p.324).

Esta sugestão, de dizer que homem é também Deus, não é praticada com muita facilidade. O homem demoraria um longo tempo de processos e experiências para alcançar esta condição.

Sentir Deus em si seria um grande desafio, o qual requer disciplina, mudanças de hábitos e costumes. Todos estes seriam facilitados com a prática da ioga. Ela ofereceria um caminho, uma didática, um meio para atingir este estágio superior da espiritualidade, o de encontrar Deus em si.

Segundo Hermógenes: *“Quando, através dos anos de diligente prática e de consciente aspiração, o homem for plenificando seu Yoga, um dia poderá gloriosamente dizer com Jesus: ‘eu e o Pai somos Um’”* (HERMÓGENES, 2007,p.37).

Esta característica de proximidade e semelhança do homem a Deus, presente nos novos movimentos religiosos e nas obras de Hermógenes, é denominada de ‘monismo’, apontada como uma particular e importante característica das religiosidades provindas do Oriente. Por tal razão, pode-se

dizer que estas religiosidades são sincréticas e aproximam-se às filosofias idealistas e metafísicas (CAMPBELL, 1997, p.12).

Nesse sentido a idéia clássica da salvação, provinda do cristianismo, é substituída por outras, como a do auto-conhecimento e auto-aperfeiçoamento.

Assim, um contexto específico ocupa espaço na obra de Hermógenes. É possível observar em seus registros características de novas religiosidades. No caso, Hermógenes, procura amenizar possíveis conflitos decorrentes dos encontros entre várias religiões e os novos elementos que os permeiam e sugere uma harmonia e propósitos comuns.

Ele mesmo assume que foi buscar em várias fontes, várias religiões, a inspiração para suas obras, como o Evangelho, Bhagavad Gita, os sermões de Sidarta Gautama, Blavatsky e Besant, Assis, São João da Cruz, Patanjali e muitos outros (HERMÓGENES, 2007, p.22).

Estas reflexões demonstram que Hermógenes não se limita em buscar inspirações para descrever a experiência religiosa. Que o ecumenismo, o sincretismo religioso, as religiões tradicionais e os esoterismos estão, declaradamente, presentes em seus escritos.

Há também referência constante ao Oriente e seus elementos ligados à religiosidade e espiritualidade, tal qual é a ioga, assunto principal de sua obra.

Isto se daria devido ao processo de 'orientalização', o qual confirma a transformação nas visões de mundo do Oriente e do Ocidente e sugere que a visão oriental predominaria (CAMPBELL, 1997, p.19).

Acompanha esta mudança de relação das visões de mundo entre Ocidente e Oriente o processo de 'secularização' das religiões, que seguiria a afirmação da autonomia e o poder sobre a natureza que o homem alcançou (HERVIEU-LÉGER, 1997, p.19).

A consequência relevante deste processo, para a observação das obras de Hermógenes, é 'o despojamento dos deuses'.

Fica claro o modo como os processos de orientação e secularização influenciaram os novos movimentos religiosos e as diferentes formas de relação entre indivíduo e religião. A cura está constantemente relacionada ao conceito cristão da salvação. Mas nas novas religiosidades, com a ampliação das relações do indivíduo, com a possibilidade de auto-realização, a cura

assume o perfil da busca da saúde plena, a integridade física, psíquica e moral através das atitudes individuais e modos de ser no mundo.

Pode-se observar referências à busca do auto-aperfeiçoamento, da saúde perfeita do corpo, que pediriam pela anulação de hábitos considerados nocivos (alimentação, sexo, consumo de drogas, remédios, atitudes mentais negativas, etc). Esta anulação de hábitos nocivos, mas de certa forma, prazerosos, poderia ser interpretada como um novo estilo do sacrifício. É um processo de instrumentalização que permite transferir as significações das referências cristãs na cultura moderna (HERVIEU-LÉGER,1997,p.42).

Tal como sugere Hermógenes em sua obra. Não abandona os signos cristãos e termina por uni-los a outros de diversas religiões. O resultado seria a formação das novas religiosidades, representativas de uma nova visão de mundo, de um cosmos específico e renovado.

A ioga seria a experiência para alcançar o sagrado, segundo a proposta de Hermógenes. A experiência pelo corpo, pela respiração, pela entoação de mantras, pela busca de conhecer o 'eu', pelo reconhecimento do divino no 'eu', através da prática da ioga. Mas esta ioga, trazida por Hermógenes, apresenta ao indivíduo os signos cristãos reinterpretados, os elementos frutos da orientalização, o apoio na ciência moderna, o que representaria a necessidade de legitimar sua proposta no contexto brasileiro.

Como aqui é observado, exclusivamente, as relações da ioga com as religiões, Hermógenes parece recorrer ao processo de legitimação religiosa para mostrar a ioga como instrumento de auto-conhecimento, saúde e encontro com o divino.

A legitimação sugere a manutenção da realidade, no nível objetivo e subjetivo. É através da religião que a legitimação é eficaz (BERGER,1985,p.45).

Nas obras de Hermógenes a legitimação através da religião é realizada de modo sincrético. Participam do processo várias frentes religiosas.

Aparentemente o importante é o indivíduo admitir que está em íntima ligação com Deus ou que traz consigo a divindade.

Independentemente do nome atribuído a este Deus ou os mandamentos morais que devem ser seguidos, existiria uma lei divina universal que todos os homens deveriam aceitar.

Explicitado todo o contexto em que a obra de Hermógenes está sustentada, serão agora apresentadas passagens para colocá-la em primeiro plano.

Seguirei a proposta da divisão, dos seis livros observados, em duas fases.

Em ‘Autoperfeição com Hatha Yoga’, pouco é falado sobre a religiosidade, com exceção da parábola do filho pródigo e o recurso ao sincretismo.

Propõe a equivalência em mensagens de diferentes deuses, suas ‘leis divinas’ foram reinterpretadas, complementadas e atualizadas para melhor compreensão. Hermógenes escreve:

*“Budha, Krishna e Cristo são os mais sublimes exemplos de **enviados** que desempenharam a missão de reconduzir os seres humanos às trilhas cósmicas que levam à Suprema Libertação (...) Mestres yougues e místicos ocidentais, com a autoridade de quem experimentou e viu, com a lucidez de quem reflete a Divindade, com o amor universal dos abnegados, com a alegria imensa dos que servem, têm dado à humanidade cósmicas doutrinas, sempre sob forma terna e poética, que atingem fundo os corações”* (HERMÓGENES, 2007,p.313).

Neste exemplo a religiosidade é reclassificada. Assume as dimensões cósmicas e ultrapassa os portões da instituição.

Em ‘Yoga para Nervosos’ também a ciência ainda é o foco de maior importância. Reserva à religiosidade a característica de ser fundamentada a partir da experiência pessoal, assim como na ioga.

No capítulo ‘Somos Deuses’ Hermógenes fala sobre a distância entre Deus e os homens nas religiões institucionalizadas, como a cristã, e a aproximação entre eles possibilitada pela experiência da ioga.

Segue:

“Desde os anos da nossa infância aprendemos que somos todos ‘filhos do pecado’, que, ‘degradados’, somos frágeis, imperfeitos e indignos de olharmos para Deus. Suponho e pretendo, com isto, em nós cultivar a virtude da humildade, piedosos instrutores religiosos nos encheram dessa funesta autodepreciação e, para mais acentuá-la, ensinaram-nos também ser Deus algo infinitamente diferente, distanciado e absolutamente fora de nosso alcance. Colocar Deus tão alto, lá no inacessível e, simultaneamente, nós mesmos no mais tenebroso pélago da inferioridade, tem-nos feito tanto mal!...Por isso, Deus tem sido temido, mas não amado. Está tão longe, que não temos a audácia de pensar esteja ao alcance de nossa busca. (...) O ocidental, mercê de tão bem intencionado, mas funesto, ensino religioso generalizado, tem enraizado no subconsciente a auto-sugestão eficaz que diz ser ele mísero padecente e pecador. Essa sugestão tem dado mais frutos: sofrimentos, doença, vícios, ansiedades, complexo de inferioridade e até amoralismo patológico. O yoguin nunca se preocupa com seus pecados ou com o pecado. Prefere atender ao oposto, e afirma sua unidade com o Divino, imitando Jesus ao dizer: ‘Eu e o Pai somos um’. Jesus realizou isso. Convidados estamos nós a imitá-lo. Potencialmente, somos divinos. E a existência nos foi dada para que possamos atualizar essa potencialidade. Divinizar-nos é desafio” (HERMÓGENES, 2006,p.162).

A divinização do indivíduo é possível com a experiência da prática da ioga, todos seus estágios como a meditação, o relaxamento, as respirações e as posturas combinam sugestões para a interiorização. Este processo, aliado às sugestões de potencializar as energias, a fé e a relação íntima com Deus permitem experimentar o Deus interior.

Há uma passagem do livro na qual Hermógenes descreve a técnica de relaxamento, que tem como objetivo o indivíduo ‘desligar-se’ de todos os obstáculos causadores de estresse.

Mais uma demonstração da importância da experiência pessoal na ioga, no caso, a experiência com a fé. Hermógenes observa que pessoas ligadas a algum tipo de religião e que tenham muita fé, relaxariam com mais facilidade do que aquelas que canalizam toda a sua energia nos problemas.

Segundo Hermógenes:

“Com o religioso, tudo é fácil, pois ele tem fé. Entrega-se todo, facilmente, graças à crença que tem na onipresença, onisciência e onipotência do Ser Supremo (...) O verdadeiro religioso faz do relaxamento um ato essencialmente místico, porquanto consiste em doar-se, em oferenda, no altar do Onipresente. Para ele o relaxamento é um modo prático, concreto e vivencial de rezar o ‘seja feita a Vossa Vontade’. No relaxamento, confia-se em Deus, sabendo que Ele cuidará de tudo melhor do que nosso egozinho, meio esfacelado na luta cotidiana” (HERMÓGENES, 2006,p.75).

Neste livro, Hermógenes, percorre todos os elementos da ioga e muitas vezes estabelece relações diretas com o cristianismo. Como ao falar sobre ‘ahimsa’, que é um dos votos universais da ioga segundo os aforismos de Patanjali e uma conduta ética para Hermógenes que indica evitar o uso da violência.

Eis como diz Hermógenes sobre ‘ahimsa’ com o exemplo maior do cristianismo, Jesus crucificado:

*“**Ahimsa** significa não morder, não impedindo no entanto que se mostre os dentes. Jesus, que se deixou mansamente pregar na cruz, no templo, numa demonstração de ira santa, virou as mesas dos imorais. O yoguin sabe que a ira é uma das emoções mais destruidoras, por isso, evite-a, mas aprenda a irar-se estrategicamente, por fora, conservando **ahimsa** por dentro” (HERMÓGENES, 2006,p.215).*

Em ‘Yoga Paz com a Vida’ estão publicadas as cartas dos leitores e alunos de Hermógenes sobre a religiosidade. Serão aqui reproduzidos alguns trechos a fim de ilustrar os pedidos dos interlocutores e os conselhos de Hermógenes.

Logo no início do livro uma carta com a data de 10 de julho de 1976 diz:

“Há oito anos tenho problemas de nervos. Já consultei diversos médicos e segui tratamento de um só médico durante ... anos. Desde que adoeci, padeço de uma insônia terrível. Abandonei os esportes...Sou inseguro, sou ansioso, e agora, com esta idade, sou solteiro, e perdi todas as esperanças de uma vida normal. Estou completamente desorientado...Não tenho mais alegria de vida...Vivo à base de tranqüilizantes e minha vida sexual está arrasada há uns...anos. Prezado professor, se fosse possível o Sr. Mandar para mim uma série de exercícios...” (HERMÓGENES, 2006,p.20).

A resposta enviada por Hermógenes:

*“(...) O que posso tentar fazer é animá-lo a seguir o que o livro (Yoga para nervosos) lhe ensinou (...) Entregue-se todo e totalmente confiante no tratamento que, Deus em você, tem para lhe dar. Deus sabe o que precisa ser feito, pois é Onisciente, e pode tudo fazer, pois é Onipotente. É Ele que o salvará desse quadro. Só uma coisa é necessária – você largar-se profundamente em suas divinas mãos de médico perfeito, insuperável. Ele, refúgio, abrigá-lo-á. Ele, paz, o envolverá. Ele, alimento, o sustentará. Ele, remédio, dar-lhe-á a perfeita cura. Ele, força e poder, erguerá você acima de qualquer fraqueza. Ele, alegria, afastará sua tristeza e seu dissabor pela vida. Ele, que é luz, dissipará todas as escuras nuvens ameaçadoras. Quando for se entregar ao **relaxamento**, diga convictamente para si mesmo: **Deus, que é força, paz, refúgio, alimento, remédio e alegria, vai salvar-me, pois a Ele eu me entrego total e confiantemente. Ao terminar este relaxamento, a presença de Deus em mim me tornará o mais feliz e vitorioso dos mortais. Entrego, confio, aceito e agradeço.** É o que tenho para lhe dizer. Que as bênçãos do Cristo enriqueçam sua vida” (HERMÓGENES, 2006, p.21).*

Após ler este trecho fica-se em dúvida se a resposta de Hermógenes é uma oração ou conselhos sobre a prática da ioga. Aparentemente, a oração e a ioga estão imensamente misturadas e unidas que formam uma coisa só: o discurso próprio de Hermógenes. Como nesta resposta a outra carta, fala sobre devoção e as técnicas de respiração, os pranayamas, com a entrega a Deus.

“Amigo, faça de sua vida uma incessante prece, uma oração contínua. Ao inspirar procure receber as bênçãos e as energias de Deus. Ao expirar sinta que está se purificando, se libertando. Veja” a presença e a providência de Deus em tudo, inclusive em aspectos que, em seu julgamento, parecem desagradáveis. Sua ansiedade pode desaparecer em tempo relativamente curto se você procurar ligar-se com a Vida Una, a Consciência Suprema, a todo tempo e onde estiver” (HERMÓGENES, 2006, p.89).

Em outra resposta Hermógenes discursa sobre a necessidade da leitura do Evangelho.

Diz Hermógenes:

“Tendo você tendências espíritas, é um cristão, e uma alma cristã tem muito o que receber de leituras e meditações yoguis. E não se esqueça de estudar diariamente o Evangelho de Jesus, que vejo como uma escritura sagrada de yoga.(...) Você, cristão, volte a ler o Evangelho. Leia-o todos os dias. Agora, porém, não leia por alto. Estude. Mas estude pondo-o em prática no cotidiano. Procure ver em cada mensagem o conteúdo essencial que tem, e que é espiritual, e vai ver a confirmação de tudo isto que acabo de dizer-lhe. Verá que o Mestre lança o desafio ‘Sede perfeito como o Pai...’, mas logo ampara, encoraja e reconforta, lembrando que, em essência, somos divinos. Ele estimula e ergue quando, dando o exemplo diz: ‘Eu e o Pai somos Um’” (HERMÓGENES, 2006).

São trechos como este que reforçam a legitimação religiosa que Hermógenes utiliza em sua obra. No texto original dos aforismos de Patanjali não há evidentemente, em nenhum momento, tópicos que se referem ao evangelho, e muito menos a Jesus. Portanto, esta é uma característica do discurso de Hermógenes.

Na segunda fase da obra de Hermógenes, no livro ‘Canção Universal’, é possível observar uma grande liberdade ao falar de Jesus e outros deuses. Já não busca justificativas para seu discurso, que abraça tantas religiões. Em todas as passagens há uma referência religiosa combinada a alguma tentativa de inspiração poética.

Um trecho que pode resumir adequadamente o livro seria o seguinte:

“Atende, Pai Celestial, às preces feitas a Deus, Alá, Brahma, Jeová, Ishwara, Buda, Narayana. Reúne todos os perfumes queimado aos pés de todos os altares. Unifica os mantrãs que vibram na devoção de todas as mesquitas igrejas, sinagogas, ashrams, templos, florestas, estupas, terreiros. Recolhe, pai, as oferendas que os devotos põem nos altares de Teus muitos e sagrados nomes. Junta em ramalhete único todas as flores com que os religiosos enfeitam muitas e diferentes imagens. É sempre a Ti que oram, buscam, veneram, enfeitam, perfumam. É a Ti unicamente que recebem a graça da vida, pois é Tu a Vida.(...) Cristo, Rama, Babaji, Krishna, Mahoma, Moisés, Ramakrishna, Ramana, Gandhi, Mahavira, Sankara, Sathya Sai. Eis a fervorosa prece de um devoto de todas as religiões. Amem On Amim” (HERMÓGENES, 2007,p.57).

Em seus dois outros livros, o ‘Yoga: caminho para Deus’ e ‘Saúde plena com Yogaterapia’ Hermógenes retoma os elementos tradicionais da ioga, mas já totalmente envolvidos com seu discurso.

Na dedicatória de ‘Yoga: caminho para Deus’ Hermógenes escreve:

“A Jesus, pelo que me disse como ensino, pelo que ensina sem dizer, pelo que deu de amor, pelo que aceitou e perdoou, pelo que foi, é, e será: Eternidade. A Jesus – Amor, Verdade e Ação -, que nos leva de volta ao Pai. A meu amado Guru, Jesus, o Cristo, este livro e todo o meu ser” (HERMÓGENES, 2005).

Após ter ilustrado tantas passagens dos livros de Hermógenes é possível questionar se a presença da religiosidade na ioga é algo particular do seu discurso ou se está em todas as outras propostas de mestre, professores e iogues.

CAPÍTULO IV - IOGA E CIÊNCIA

Em sua primeira obra, “Autoperfeição com Hatha Yoga”, Hermógenes menciona inúmeras vezes a ciência.

A ciência ocupa um espaço muito importante no processo migratório da ioga Oriente para o Ocidente.

Aparentemente, para a ioga ser considerada ‘legítima’ no Ocidente moderno, ela deveria passar pelo crivo da investigação científica e comprovação de seus possíveis efeitos e resultados que oferece, como: saúde, auto - conhecimento, paz interior, rejuvenescimento, encontro com Deus.

Em sua obra, Hermógenes não descreve experimentos com a ioga, realizados em laboratórios, mas sim, apresenta depoimentos de médicos e revela cartas de seus leitores e alunos que indicam respostas para as constantes questões acerca da ioga. Seriam questões e respostas que poderiam anular toda a dimensão religiosa que a ioga carrega. Seriam sugestões de aproximação da ioga aos modos e visões de mundo próprias do ocidente, próximas de uma realidade comum ao homem ocidental, ao brasileiro.

Neste capítulo, o objetivo é investigar a ioga de Hermógenes e as possíveis relações estabelecidas com a ciência.

Ou seja, observar os processos de legitimação da ioga através do discurso científico, a posição da Organização Mundial da Saúde (OMS) em relação à ioga e também as considerações de Hermógenes acerca deste tema.

Ao escrever sobre o sistema nervoso em “Autoperfeição com Hatha Yoga”, Hermógenes, menciona um fato de extrema importância para iniciar aqui a discussão do tema ‘Ioga e Ciência’:

“O praticante ocidental de Yoga não se conforma apenas com a descrição dos exercícios e a indicação das suas finalidades. Deseja conhecer também os ‘porquês’. É a índole ocidental. Atendendo a isto, superficialmente que seja, estudaremos dois importantes responsáveis pelos assombrosos resultados proporcionados pelo Hatha Yoga: os sistemas nervoso e endócrino” (HERMÓGENES, 2007, p.65).

Hermógenes, então, realiza uma descrição minuciosa do sistema nervoso e endócrino, seu funcionamento, composição, função e as possíveis doenças que podem acometê-los. Estabelece paralelos entre a ciência ocidental e a ioga, diz que a medicina ocidental apesar de ter realizado descobertas importantes para a cura de doenças, como o uso de hormônios sintéticos, não consegue eliminar totalmente os efeitos colaterais e prejudiciais desses tratamentos. Enquanto que a ioga seria uma terapia eficaz e natural, o que acarretaria menores chances de efeitos errôneos (HERMÓGENES, 2007, p.83).

Observa-se, no trecho citado, a presença de elementos de ‘artificialidade’ (o método baseado em hormônios sintéticos) o qual pode ser positivo e ou negativo; e elementos de ‘naturalidade’ (a terapia da ioga) que possuiriam menos chances de trazer malefícios. Este elemento de ‘naturalidade’ condiz com as teorias as quais predizem que expressões do oriente trazidas para o ocidente, durante os movimentos da Nova Era e da Contracultura, são caracterizados por uma busca de aproximação à natureza. Assim seria a ioga, na visão do homem ocidental, um método ‘natural’. Contudo, exerceria seu papel terapêutico de suporte às enfermidades.

Outra demonstração da capacidade terapêutica da ioga, envolvida numa descrição de visões de mundo diferentes entre a ciência do ocidente e a proposta de ‘holismo’ do oriente é percebida através da respiração. Para o olhar científico ocidental a respiração é um ato fisiológico responsável por transformações químicas indispensáveis para as células. No Oriente e mais especificamente na visão da ioga, a respiração é um ato de integração dos planos fisiológico, psíquico e prânico (HERMÓGENES, 2007, p.95).

Nesta passagem, Hermógenes, descreve uma diferença entre a visão de mundo do ocidente e do oriente relacionada ao corpo. Para o ocidente o corpo é visto, estritamente, como físico, fisiológico. Já para o oriente e mais especificamente aos olhos da ioga, o corpo seria representação holística de planos material, psíquico e energético.

A tríade corpo, mente e espírito é frequentemente considerada como característica dos movimentos da Nova Era e das medicinas paralelas (SOARES, 1994, p.193).

Mas, ao mesmo tempo que, Hermógenes apóia sua descrição da ioga nos fundamentos da ciência, ele insere outros, 'estranhos' ao homem ocidental os quais pertencem ao oriente e sua visão de mundo, como: cosmos, energia, equilíbrio e a tríade já mencionada

Assim como a respiração ideal, que sob o olhar oriental, implicaria na saúde e na harmonia com o cosmos. É uma outra percepção sobre o ato de respirar.

A respiração curta e acelerada denunciaria um indivíduo num estado de ansiedade e distante de uma calma, de uma paz interior. Se ela estiver num ritmo lento e for realizada de forma mais profunda, um outro estado mental, interior se iniciará. Com a respiração adequada o estado de maior objetivo da ioga poderia ser atingido, seria o estágio do mergulho interior possível, do auto-conhecimento alcançado, do chamado 'samadhi', da paz interior, do reconhecimento da presença divina no indivíduo.

Enfim, Hermógenes descreve longamente a maneira adequada de respirar segundo a ioga e os erros cometidos pelos ocidentais ao respirar superficialmente (HERMÓGENES, 2007, p.100).

Hermógenes propõe em sua obra, "Autoperfeição com Hatha Yoga", um modelo para demonstrar a prática adequada da ioga, os ásanas e pranayamas. Inicia com o modo de 'execução' (a maneira de posicionar o corpo, direcionar a mente e administrar a respiração), depois descreve os possíveis 'benefícios terapêuticos' (uma explicação das conseqüências da execução no metabolismo e as sensações decorrentes) e os sugeridos 'efeitos mentais ou psicológicos' (que seriam auto-sugestões responsáveis pelas sensações de equilíbrio, humildade, grandeza, paz).

Seria um modelo ancorado nos recursos da metodologia científica ocidental. Denunciaria, então, a presença de uma relação de causa e efeito da ioga de Hermógenes. Talvez este seja um recurso eficiente do processo de 'legitimar' a ioga aos olhos do ocidente.

Ao descrever a característica de naturalidade da ioga e sua qualidade revigorante, Hermógenes as justifica ao pontuar as possíveis reações fisiológicas que provocaria. Como por exemplo o aumento do fluxo arterial, melhora nas funções excretoras, recuperação da normalidade do hipotálamo, das glândulas hipófise e supra-renais.

Após as justificativas, ancoradas nos propósitos da medicina ocidental, Hermógenes reúne elementos ióguicos que sustentam as razões dos benefícios trazidos pela ioga, segundo seu discurso. Seriam os benefícios: o acionamento dos chackras, que remetem ao prana e a energia vital e uma atitude mental específica. Em ambos os casos ocorre o apoio nas justificativas científicas e nos elementos provindos do Oriente, enfim, Hermógenes utiliza o princípio da causa e do efeito.

Evidência tal que confere familiaridade ao seu discurso e aceitação em seu meio, o ocidental moderno. Enfim, o processo da legitimação efetivou-se.

Nesta perspectiva a ioga ainda é classificada como 'remédio'. Como quando Hermógenes narra sobre os hábitos de alimentação e os prazeres à mesa que estão constantemente dispostos aos homens ocidentais. Estes poderiam acarretar graves disfunções como: dilatação exacerbada do estômago, dificuldade na digestão dos alimentos e a constipação. Sugere que a respiração correta e as posturas da ioga seriam capazes de interromper essas disfunções (HERMÓGENES, 2007,p.232).

O mesmo ocorreria com a sensação de fadiga, cansaço, exaustão, seria combatida com a prática da ioga. Suas posturas ou ásanas seriam revigorantes e eliminariam as sensações trazidas pelo mundo moderno como a excitação exagerada, os envenenamentos psíquicos, que gerariam ansiedade, depressão, agitação e angústia (HERMÓGENES, 2007,p.314).

Outra maneira de procurar referências legitimadoras da ioga é descrever o caráter original que a caracteriza. Pois, seria uma terapia que concentra-se na prioridade da saúde e não nas doenças, como na medicina ocidental

(HERMÓGENES, 2007,p.354). Esta perspectiva é própria das terapias alternativas e foi abraçada pela OMS.

Hermógenes lembra que o conceito de saúde pode assumir diversas e variadas ideologias, mas opta pela definição dada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) a qual revela sua posição em relação às terapias alternativas e à ioga.

Segundo Hermógenes:

*“A rigor, a yogaterapia não é alopática, não **cura** patologias específicas. Seu propósito é gerar e manter **saúde**, já definida pela OMS como uma ‘condição do bem estar físico, psíquico e social’. **Saúde** não é a mera **ausência** de doença ou de sintomas desconfortantes, mas, uma fulgurante **presença**. A presença, em nós, da própria Vida, da felicidade mesma”* (HERMÓGENES,2007,P.355).

A fim de investigar com maior profundidade a posição da OMS sobre as ‘medicinas alternativas’, ‘terapias alternativas’ ou então a chamada ‘medicina tradicional’ foi utilizado como referência o documento “Estratégia de la OMS sobre medicina tradicional” dos anos de 2002 a 2005.

Este documento revela-se bastante importante para contextualizar a posição da ciência ocidental e da OMS em relação à ioga.

O documento define a Medicina Complementar Alternativa (MCA) e a Tradicional (MT). Idealiza uma estratégia para abordá-las de forma política, desenvolver sua segurança, eficácia, qualidade e garantir o acesso e o uso racional dessas terapias.

O documento classifica com MT: medicina tradicional chinesa, ayurveda hindu, medicina unani árabe, diversas formas de medicina indígena. Estariam incluídas na Medicina Tradicional as terapias com medicação e terapias sem medicação. As terapias com medicação seriam aquelas baseadas na aplicação de ervas, partes de animais e minerais. Já as terapias sem medicação seriam: a acupuntura, terapias manuais, espirituais e a ioga.

É necessário indicar as possíveis confusões nas nomenclaturas escolhidas. Muitas vezes alguns autores dizem que as terapias provindas do oriente são tradicionais, enquanto outros referem-se as terapias ocidentais, baseadas nos princípios da ciência empírica, como tradicionais. Se considerar

a construção dos conhecimentos das terapias orientais e ocidentais, ambos poderiam ser classificados como tradicionais.

Porém, as diferenças que serão destacadas aqui tomarão como tradicionais as terapias do oriente, de acordo com a classificação proposta pela OMS.

O documento salienta a importância de produzir evidências sobre a segurança, a eficácia e a qualidade das práticas MT e MCA. Ou seja, a necessidade de verificá-las através das provas científicas. Também apresenta uma questão ligada à possibilidade de utilizar a MT e as MCA num movimento para evitar e tratar doenças em locais onde a medicina alopática tenha pouco espaço devido a uma realidade econômica pouco favorável.

Com as MT e MCA o custo dos tratamentos seriam mais baixos e o alcance populacional dos mesmos seria mais amplo, já que as MT e MCA estão inseridas nas profundas raízes da cultura daqueles locais com poucos recursos financeiros e estruturais para a promoção da saúde e erradicação de epidemias.

Como muitas das evidências de cura da MT e MCA podem ser vistas com receio pelos defensores da medicina alopática, a OMS considera necessário encontrar caminhos para aplicá-las com a mesma segurança que a alopatia ofereceria.

Ao seguir este sentido, de fomentar o uso racional da medicina tradicional, as práticas alternativas estariam livres de uma opacidade inicial e inibitória nos grandes centros urbanos e no ocidente de modo geral, por terem sido recebidas com ressalvas, como práticas suspeitas.

Ao relacionar a posição da OMS sobre as MT e MCA e a obra de Hermógenes seria possível dizer que ambas pretenderiam legitimar, a ioga no caso, através dos fundamentos científicos ocidentais. Submeteriam, a OMS e Hermógenes, a ioga, aos métodos científicos para a comprovação da sua eficácia em prevenir e curar doenças, em promover a saúde e o bem-estar, como demonstram as cartas dos leitores e alunos de Hermógenes.

Hermógenes, além de recorrer ao discurso de médicos sobre a ioga, considera que as cartas e relatos dos seus alunos e leitores seriam registros legítimos e garantiriam a segurança, a eficácia e a qualidade da terapia, de acordo com os princípios científicos.

Trarei aqui alguns trechos das cartas que considerei relevantes no livro ‘Yoga: Paz com a vida’. Seguirei a ordem disposta no livro: primeiramente as cartas dos alunos e leitores de Hermógenes, seguidas das respostas.

Neste livro foram impressos trechos de cartas com as queixas de um interlocutor em específico ao qual Hermógenes dedicou bastante atenção. Não cabe reproduzir aqui todos os trechos importantes, mas serão sugeridos os que possam representar, de modo geral, os temas reincidentes.

Como esta primeira carta endereçada a Hermógenes:

“Quero dizer-lhe que sou uma pessoa muito sensível (...) estou muito tenso e sem muita confiança em Deus e em mim mesmo.(...) venho reconhecendo minha hiperemotividade, e ela causando grande distúrbio emocional, e até agora não consegui realizar-me, pois sou muito pessimista. (...) Há seis meses que não durmo bem, a não ser à custa de tranquilizantes..., e não como quase nada. Vivo sempre apático e sombrio; sem luz, sem paz. Comprei o livro ‘Yoga para nervosos’, de sua autoria, e ainda não consegui melhorar minha situação. Para finalizar, quero dizer-lhe que não gosto de ser como sou. Infelizmente, é isso, e espero que o senhor me dê alguma sugestão ou me indique um livro que faça preencher-me, pois sou muito vazio e não quero continuar assim; penso em casar-me, trabalhar e ser feliz. Sem mais, espero que o Senhor, ó Mestre, possa ajudar-me a encontrar a mim mesmo. Agradeço-lhe” (HERMÓGENES, 2006,p.61).

Hermógenes enviou sua resposta, aconselhando o indivíduo a continuar com a prática da ioga e a seguir suas orientações no livro ‘Yoga para nervosos’. Identifica alguns pontos na carta que recebeu como a insatisfação e diz para cultivar a atitude de ‘contentamento’, de valorizar tudo o que é e possui.

Outro ponto identificado é a necessidade de o indivíduo se auto-aceitar e se auto-analisar. Logo depois recebe outra carta: *“(...) mas, até agora, mesmo praticando yoga, não consegui acabar com uma grande tensão, pois nada como e só durmo tomando comprimidos, pois desde criança não tenho confiança em mim mesmo” (HERMÓGENES, 2006,p.66)*

Sem receber uma resposta imediata de Hermógenes, o interlocutor envia outra carta narrando seu desespero por ajuda:

“Olhe, Professor, estou sofrendo muito, com uma ansiedade fora do comum. Isto me deixa apático, sem ânimo para viver. Por causa da ansiedade incontrolável, sinto-me inferior a tudo e a todos, pois cheguei à conclusão de que não posso ser nada. (...) Pelo Amor de Deus, pelo Amor de seus entes queridos, escreva-me logo, dando uma resposta clara e benfazeja. Sem mais, ansiosamente agradecido” (HERMÓGENES, 2006,p.68).

Seu método alcançou, realmente, proporções imensas de responsabilidade. Afinal, depois de o próprio Hermógenes atribuir ao seu método a cura de uma doença e o encontro tão íntimo com deus, o que poderia esperar das futuras expectativas geradas?

Este interlocutor, em particular, parece colocar todas as suas esperanças de conquistar uma vida melhor nas palavras e conselhos de Hermógenes.

Hermógenes envia sua resposta:

“(...) Substitua a tensão por grandes, agradáveis e freqüentes relaxamentos. Substitua a sugestão negativa – não vou aprender – pela positiva – aprenderei tudo. Continue praticando yoga. Continue lendo e meditando sobre o que meus livros ensinam, que não é sabedoria minha, mas a dos milênios, a qual os Mestres vêm ensinando. Faça-o, no entanto, sem ambição de melhorar em prazo certo e, principalmente, em curto prazo. Que Deus seja visível a seus olhos, que ainda não O viram em virtude do esforço mal dirigido que têm feito para vê-Lo” (HERMÓGENES, 2006,p.69).

Assim seguem várias cartas que narravam breves melhoras, mas as queixas continuavam e insistiam. Hermógenes continuava a responder e na tentativa de motivar seu interlocutor com conselhos.

Mas resolveu não publicar mais as cartas do interlocutor contando sobre a melhora de seu quadro. Exibiu somente as suas respostas com os elogios ao progresso do caso. Respondeu Hermógenes:

“Querido irmão: Hosana!Aleluia! (...) Você reencontrou a vibração de luta, de valor, de fé, de auto-afirmação (diferente da auto-afirmação dos vaidosos, dos egoístas, dos tolos).Bravo! O dia novamente se levanta no horizonte de sua vida, depois de um período de penumbra, de medo, de negatividade, infirmitade e enfermidade. É o ‘filho pródigo’, resoluto, sabendo para onde vai, querendo e podendo ir, com seus próprios recursos, e, ainda mais, enriquecido e fortalecido pela experiência, que chegou a ser dolorosa. (...) Continue a caminhar na direção do Cristo, orientado e atraído pela ‘estrela’, que serviu aos Magos” (HERMÓGENES, 2006,p.101).

Assim segue o livro das cartas, com as respostas de Hermógenes a 47 casos de queixas. Em seu outro livro ‘Saúde Plena com Yogaterapia’ também há registro de cartas que contam os benefícios conquistados com a ioga.

Hermógenes publica as cartas-depoimento de alguns médicos. Como a de um cardiologista:

“Com relação à minha pessoa: faço Yoga duas vezes por dia (quando dá) – um pouco pela manhã, o que me ajuda a iniciar o dia com maior otimismo; e um pouco à tarde, ou melhor, instantes antes de deitar-me, o que me ajuda a dormir e me dá um sono mais reparador. (...) Estou sempre procurando aperfeiçoar-me, não só na parte técnica, mas principalmente na maneira de viver. O que me parece fundamental é o conjunto de modificações que a prática constante do Yoga Produz em Nós” (HERMÓGENES, 2005,p251).

Outro depoimento enviado por um urologista:

“Foram surpreendentes os resultados por mim observados com o Yoga. Desapareceu-me a visceroptose, a fadiga, a estase venosa nos membros inferiores etc. tornei-me um adepto fervoroso da Yogaterapia, com a perda de oito quilos, indicando-a à maioria de meus amigos e clientes, tanto no decurso de tratamento urológico e ginecológico, como nos distúrbios glandulares, nos pré e pós-operatórios...” (HERMÓGENES, 2006,p.252).

Hermógenes faz questão de enfatizar que os depoimentos são de médicos, que têm autoridade para garantir a eficiência do seu método.

A carta-depoimento de um cirurgião:

“Procurei a Yoga em virtude de grave crise depressiva por falta de objetivo e de sentido de viver que se instalou em mim. (...) Com a Graça de Deus, iniciei as aulas de Yoga em sua Academia. Praticava diariamente em casa os conhecimentos adquiridos nas aulas e com a orientação de seu ‘Yoga para nervosos’. Em apenas quatro meses de aulas consegui superar todos os males que me afligiam. A depressão e a angústia desapareceram, e não fiz mais uso de qualquer medicamento (...)” (HERMÓGENES, 2006).

Enfim, ao todo são 56 casos de cartas-depoimento no livro ‘Saúde Plena com Yogaterapia’. Pessoas vítimas do câncer, da diabetes, da asma, dores no corpo, dores na coluna, bronquite, hipertensão e outros distúrbios da saúde relataram a grande ajuda da ioga para a melhora da doença ou até mesmo da cura completa.

CAPÍTULO V - IOGA E CORPOREIDADES

Ao observar a ioga descrita por Hermógenes cabe agora indicar suas implicações em relação ao corpo e suas conseqüentes corporeidades. Presume-se que a ioga emoldura o corpo de uma maneira específica e particular, devido ao contexto em que está e foi envolvida, como os movimentos da Contracultura, da Nova Era e o Orientalismo, anteriormente descritos.

Neste capítulo, o objetivo é desvelar a silhueta de um corpo esculpido pela ioga e seus elementos culturais, traçar um paralelo com a teoria de Norbert Elias e seu conceito de “processo civilizador” e outros autores que observaram o corpo como socialmente e culturalmente determinado.

Inicialmente, foram estabelecidas algumas indagações as quais poderiam direcionar o olhar sobre o corpo e a corporeidade trazida por Hermógenes e sua ioga:

- Que corpo é este proporcionado pela ioga?
- Qual é o corpo possível através da experiência da ioga?
- Quais sensações decorrem da vivência da ioga que permitiriam a concretização de um corpo diferente, estranho, novo em relação ao padrão ocidental?
- De que maneira os aspectos religiosos influem na corporeidade?
- As atitudes mentais, como propõe Hermógenes, atreladas aos princípios da psicologia representariam os pilares deste outro corpo?
- Ou seria o caráter e a categoria ‘mística’ da ioga que proporcionaria a possibilidade deste novo corpo?

Estas questões singelas direcionam a observação do corpo e sua relação com a ioga. Hermógenes faz muitas referências às sensações e efeitos que a prática da ioga pode trazer, seus possíveis benefícios nos planos físico, mental e espiritual. Os benefícios físicos são intimamente atrelados ao conceito de saúde. Ou seja, a prática da ioga seria responsável por um estado de saúde, da sua recuperação e ou manutenção. Neste mesmo sentido, a saúde através da experiência da ioga também representaria a idéia da ‘cura’. A ioga seria meio para a saúde e para a cura de doenças, mal-estares, dores nas costas, mal funcionamento dos intestinos, dores de cabeça e outros.

Apesar das relações estabelecidas por Hermógenes, entre a ioga e o corpo, estarem intimamente ligadas às concepções acerca da saúde e legitimadas pelas metodologias científicas, este capítulo ater-se-á às evidências estampadas no corpo.

Assim, quanto ao fato de Hermógenes reservar grande espaço para explicar o funcionamento dos sistemas nervoso e endócrino, de acordo com a ciência ocidental, foi melhor detalhado no capítulo 'IOGA E CIÊNCIA'.

Hermógenes frisa a importância de o praticante de ioga não se ater apenas à uma 'ginástica' dos *ásanas* ióguicos, das posturas corporais. Para ele, a inspiração religiosa e afetiva de estar em contato com o mais profundo 'Eu interior' e Deus é imprescindível.

Este fato reafirma que a saúde, à qual Hermógenes se refere, não é unicamente do corpo físico, mas sim, o que é denominado de holismo: corpo, mente e espírito.

Nesta descrição, aqui realizada, é possível destacar indícios relevantes para observar as relações entre a ioga e o corpo: os *ásanas* provocariam sensações diferentes; a prática da ioga poderia trazer a cura e a saúde do corpo, da mente e do espírito; a ioga possibilitaria um encontro com o 'eu interior' e com Deus.

A ioga teria como objetivo aperfeiçoar o corpo e a mente e ainda descobrir e despertar as potencialidades do homem.

Admite-se que o homem é um ser imperfeito e para viver harmonicamente seria necessário libertar-se de suas imperfeições. Com a prática da ioga o homem aprimoraria sua mente e seu corpo para se aproximar da perfeição.

Assim, Hermógenes, atribui ao corpo não somente sua característica fisiológica, mas também a função de ser meio e instrumento para alcançar um estado mais elevado e primoroso, liberto das 'imperfeições' humanas, instrumento para atingir o 'eu profundo' e Deus. Enfim, confere ao corpo características de encantamento e atributos divinos.

Também o autor Marcel Mauss descreve o corpo como instrumento, diz que: *"O corpo é o primeiro e o mais natural instrumento do homem"* (MAUSS,1974,p.217).

Mauss, faz uma observação sobre a possibilidade de estabelecer uma comunicação com Deus através do corpo. Afirma:

“Acredito que, precisamente, há mesmo no fundo de todos nossos estados místicos, técnicas corporais que não estudamos e que foram perfeitamente estudadas pela China e pela Índia desde épocas muito antigas. Este estudo sócio-psicobiológico da mística deve ser feito. Penso que há necessariamente meios biológicos de entrar em ‘comunicação com Deus’. Enfim, embora a técnica da respiração, etc, seja o ponto de vista fundamental apenas na Índia e na China, acredito que esteja espalhada de uma forma muito mais geral” (MAUSS, 1974, p.233).

Já, Hermógenes, especifica a composição do corpo como material e espiritual segundo a concepção hindu a qual está intimamente ligada a ioga e diz que corpo e espírito formam uma mesma unidade e são merecedores de cuidados e reverências (HERMÓGENES, 2007, p.39).

Nesta passagem, pode-se notar a importante consideração acerca da ‘unidade’ constituída pelo corpo e espírito e que o primeiro é ‘meio’ para atingir um outro estado, que não o do ‘materialismo’ tão comum à cultura ocidental ao tratar do corpo.

Coloca-se a importante observação que esta silhueta corporal ou corporeidade específica da ioga é fruto da sabedoria hindu e concepções do oriente, assim como em Mauss e Elias, o corpo é moldurado e construído culturalmente.

O corpo seria, nesse sentido, a matéria representativa e simbólica de uma realidade observada em todos os seus aspectos humanos. Símbolo primeiro de uma concepção cultural e histórica.

Assim, Marcel Mauss, refere-se ao corpo, o descreve como portador de técnicas específicas de cada sociedade. Segundo o autor as técnicas corporais seriam: *“(...) as maneiras como os homens, sociedade por sociedade e de maneira tradicional, sabem servir-se de seus corpos”* (MAUSS, 1974, p.211).

Ao observar e descrever que cada sociedade possui ‘técnicas corporais’ particulares, Marcel Mauss, fez uma contribuição importante para o avanço dos estudos do corpo para além de suas características biológicas e fisiológicas.

Este avanço vai em direção a desvendar um corpo percebido, sentido, vivenciado, dentro de um quadro envolvido em tramas e estruturas subliminares e não aparentes da cultura. Os 'hábitos' são próprios de cada sociedade, de cada educação, das conveniências, das modas e dos prestígios. A simples observação dos hábitos individuais não basta para justificar suas diferenças. É necessário um olhar que considere o 'homem total' nos seus aspectos fisiológicos, psicológicos e sociológicos (MAUSS, 1974,p.215). Estes conceitos são essenciais para observar o corpo construído pela proposta da ioga de Hermógenes.

Hermógenes também chama atenção para a necessidade de considerar o homem como um ser 'total'. Porém, não como recurso interpretativo, mas como experiência. Talvez, denominaria esta condição como 'holística' e acrescentaria os conceitos de 'prana', 'bioenergia' e outros para descrever esta integralidade.

Destaca que a medicina ocidental ainda trata de um homem incompleto, pois procura curar apenas seus níveis físico e psíquico. Para curar o homem integralmente, seria necessário tratar dos 'koshas' e do 'prana'. Segundo os hinduístas estes são níveis bioenergéticos e metafísicos determinantes para a saúde do homem (HERMÓGENES, 2006,p.107).

Um outro exemplo de 'molde de silhueta' da corporeidade é encontrado inserido na própria ioga. Em os "Aforismos de Patanjali", o primeiro registro escrito da ioga, o corpo era tido como 'meio' para encontrar o divino, mas era sacrificado ao extremo. Esta exacerbação do sacrifício corporal com o objetivo de atingir almejados poderes sobrenaturais de desmaterialização e vidências é criticada por Hermógenes, o qual representa a ioga num outro momento histórico e cultural.

Nos Aforismos de Patanjali, há um capítulo com o título 'A transformação dos poderes mentais'. No qual sugere os possíveis poderes adquiridos com a correta prática da ioga e do *Samyama*. Segue:

*“Praticando **Samyama** nas três qualidades de mudanças, conquista-se o conhecimento do passado e do futuro. Praticando Samyama na palavra, no sentido e no conhecimento, os quais ordinariamente se confundem, conquista-se o conhecimentos de todos os sons dos animais. Pela percepção das impressões, (vem a nós) o conhecimento da vida passada. Executando Samyama nos sinais do corpo de outrem, vem a nós o conhecimento da sua mente. Mas não do seu conteúdo, porque não é esse o objeto de Samyama. Executando Samyama na forma do corpo, uma vez obstruída a forma do corpo e separado o poder de manifestação na vista,*

(...)

Praticando Samyama no Sol, adquire-se o conhecimento do mundo. Praticando-o na Lua, adquire-se o conhecimento do exame das estrelas. Praticando-o na estrela polar, adquire-se o conhecimento do movimento das estrelas. Praticando-o no umbigo, adquire-se o conhecimento da constituição do corpo. Praticando-o na cavidade da garganta, conquista-se a cessação da fome.

(...)

Disso decorre o conhecimento que pertence a Pratibha e a faculdade de ouvir, tocar, ver, provar e cheirar de um modo sobrenatural” (YUTANG, 1966, p.194).

Patanjali os descreve como ‘conhecimentos’. Hermógenes diz que são falsidades, o que é chamado de sobrenatural na visão cientificista. Seriam os ‘conhecimentos’ adquiridos com a ioga: do passado e do futuro, dos sons dos animais, da vida passada, a invisibilidade do corpo, a força dos animais, o movimento das estrelas, a constituição do corpo, cessação da fome, a visão dos ‘Siddhas’ que são os espíritos, a faculdade de ouvir, tocar, ver, provar e cheirar de um modo sobrenatural, ‘entrar’ num outro corpo, caminhar sobre a água e pregos, etc.

Segundo Hermógenes, a Hatha Ioga não é algo que flagela o corpo, com jejuns e práticas exacerbadas, em nome de elevar o espírito. Mas cuida para este templo sagrado estar cuidadosamente purificado (HERMÓGENES, 2007,p.41). Pois, a ioga de Hermógenes já não é a mesma da de Patanjali, os corpos submetidos às suas práticas também não são mais os mesmos.

O corpo representativo que existia no contexto descrito em “Yoga Suttas de Patanjali” certamente não é o mesmo da ioga de Hermógenes. É muito curiosa a maneira que Hermógenes refere-se aos iogues do passado como “místicos orientais”. Denominação esta que Hermógenes trata com certo tom

pejorativo, fazendo referência a anulação dos encantamentos da ioga e a constante busca de legitimação da mesma através da ciência.

Hermógenes dedica-se longamente ao corpo em seu primeiro livro publicado “Autoperfeição com Hatha Yoga”. Um momento importante desta obra, a fim de observar as diferentes corporeidades nas práticas comuns do ocidente e do oriente, é quando descreve a ioga como oposta à ginástica ocidental. Esta exigiria movimentos repetitivos, maquinais e por isso, fatigantes. Ela excluiria qualquer cultivo da concentração mental ou do plano psíquico (HERMÓGENES, 2007,p.46).

Nas palavras de Hermógenes, as práticas corporais comuns no ocidente, são movimentos semelhantes aos de um robô, máquinas as quais repetem e reproduzem movimentos sem ao menos considerar a importância da mente, num sentido de alcançar estágios elevados.

Descreveu, na verdade, um paradigma da sociedade ocidental: o paradigma cartesiano. O corpo visto como máquina, dividido em partes e pesadamente material. Como exemplo contrário a este modelo ocidental, Hermógenes apresenta a ioga como uma prática de movimentos lentos, equilibrados e revigorantes, que favorecem a concentração da mente, a percepção de todos os músculos do corpo e o estímulo do funcionamento das vísceras (HERMÓGENES, 2007,p.46).

Foram destacados como pontos distintos entre a ioga e a ginástica ocidental o ritmo e as repetições dos movimentos, a concentração mental neles envolvida e uma idéia de corpo integrado.

A ioga trabalharia a musculatura externa, como a ginástica ocidental, mas também beneficiaria a musculatura interna, os órgãos, as vísceras, o sistema nervoso, endócrino e atingiria todo o organismo.

Neste caso, acrescenta-se um conceito de corpo exterior e interior, talvez ligado à psicologia que Hermógenes busca também como meio de legitimar a ioga.

Em outras passagens o corpo é descrito como possuidor de ‘energias’. Este aspecto inclui a ioga de Hermógenes devidamente nos movimentos descritos da Nova Era, Contracultura e orientalismos. Através da prática da ioga o corpo acumularia energia, o que traria a sensação de uma força interior

e uma quietude física e mental. Essa energia atuaria no corpo físico e no corpo prânico (HERMÓGENES, 2007,p.47).

Hermógenes aproxima o conceito da 'consciência suprema', o estado elevado do indivíduo, ao do 'prana', energia sublime presente no âmago do ser e responsável por nutrir e condensar o corpo, a matéria e criar a vida. Recorre à outras concepções e suas referências, como a hinduísta que diz que o 'prana' está em Shiva, Sahati, Purusha, Prakriti. Para a chinesa o 'prana' seria o 'Tao' e o 'Chi', para a grega seria 'pneuma'. E ainda sugere sinônimos para o 'prana' como: força vital, bioenergia, élan vital, hábito diurno, vayu, magnetismo animal, energia ódica, energia bioplásmica (HERMÓGENES, 2007,p.84).

Não existe uma preocupação de Hermógenes em ser purista na busca de fontes para traduzir o termo 'prana' para seus leitores ocidentais; ele busca aproximações, assim, a fonte a que recorre é rica em elementos de diversas culturas, um caldeirão no qual cita a ciência como legitimadora da existência do termo 'energia', mas que concomitantemente não seria capaz de compreendê-la.

A 'energia' seria de fato algo impossível de racionalizar ou ser compreendida no plano estritamente intelectual, exige sim, aquilo que é sensível ao corpo já que produziria sensações de mais vida, de plenitude. A 'energia' seria invisível, aquilo que ao homem permeia, invade através dos sentidos, mas é intocável, uma matéria inconstante que pede pela crença e sensibilidade para existir na mente e no corpo do indivíduo.

E para melhor ilustrar, ou para legitimar este conceito do 'prana', Hermógenes ensaia uma comparação com a idéia de energia da física. Descreve-o como polarizado, com pólos positivos e negativos, que poderiam ser acumulados, transformados e conduzidos.

Ou seja, o discurso científico oferece um esquema de representação possível, assim as pesquisas sobre bioluminescência comprovariam também que o 'prana', como corpo magnético, está presente no corpo físico e o alimenta, organiza e vivifica.

Segundo Hermógenes:

*“É profundamente influenciado pelos estados mentais (pensamentos e emoções) e reflete tudo sobre o organismo físico. É especialmente pela respiração que nosso corpo prânico ou bioplásmico capta o **prana** cósmico, para carregar suas baterias (**chackras**) e fazê-lo circular pelos condutos (**naddis**). Cada vez que expiramos o distribuímos pelos vários órgãos do corpo sutil, através de condutores especiais, chamados **naddis**, de certa forma uma espécie de nervos prânicos” (HERMÓGENES, 2007,p.86).*

Ao falar sobre os chackras, Hermógenes, estabelece outro argumento da representação material, fornecida pela ciência, com uma aproximação às considerações fisiológicas da medicina, a fim de legitimar as passagens tradicionais da ioga sobre a ‘energia’.

Os chackras corresponderiam as principais glândulas e aos plexos nervosos do sistema vagossimpático e teriam a função de acumular e transformar a energia responsável pela vivacidade (HERMÓGENES, 2007,p.88).

Observa-se, então, a aproximação ou sugestão de equivalência às denominações da medicina ocidental ao tratar os ‘chakras’ como correspondentes às ‘principais glândulas de secreção’.

A ‘energia’, o ‘prana’ que alimentariam os ‘chakras’ são alcançados através da prática e experiência da ioga. Com o exercício dos ‘ásanas’ (as posturas ou poses) e dos ‘pranayamas’ (respirações), Hermógenes, descreve efeitos e ações que ocorreriam no corpo, diz que:

*“Agindo sobre a musculatura, interferindo no aparelho circulatório, no sistema nervoso, principalmente em determinados plexos, estimulando determinadas glândulas, massageando agora este, depois outro órgão, os **ásanas**, verdadeira farmacopéia mecânica, asseguram a saúde, a flexibilidade, o frescor característico de todo corpo jovem” (HERMÓGENES,2007, p.132).*

Ou seja, a ioga traria a saúde, o corpo saudável. Mas o modo, o meio para alcançar este corpo não é comum ao indivíduo genuinamente ocidental. É este o aspecto que é relevante a partir deste ponto da observação: uma

composição corporal que não é a mesma, que não assemelha-se à do ocidente, devido aos diferentes hábitos e costumes.

Segundo Hermógenes:

*“Fazer **ásanas** naturalmente não é fácil a um homem ocidental de idade madura, que sempre se sentou sobre cadeiras altas, dormiu em colchões de mola, não se abaixando sequer para evacuar (pois são altas as privadas), de pobre movimentação monótona em seu dia-a-dia atarefado, que mesmo que pratique um esporte já perdeu a juvenil flexibilidade do corpo (principalmente a da coluna) e, ainda mais, que carrega uma respeitável ‘curva da prosperidade’, isto é, uma volumosa barriga” (HERMÓGENES, 2007, p.133).*

Hermógenes reserva espaço, em sua obra, para tratar da importância da posição, pose, sentada que pode assumir diversas variações, é indicada para os exercícios de respiração (pranayamas) por facilitar a estabilidade física, o alinhamento da coluna, a concentração mental e por deixar livre o abdômem para a respiração diafragmática. (HERMÓGENES, 2007, p.140).

Mas sentar-se do modo sugerido pela a ioga não parece ser tarefa simples para o indivíduo crescido no ocidente. Para os orientais este modo de sentar não representaria maiores dificuldades, pois a adotariam para várias situações do cotidiano, como durante as refeições, nas orações, nas tarefas domésticas, etc.

Para melhor compreender situações como esta descrita, encontra-se referência na obra de Norbert Elias “O Processo Civilizador- Uma História dos costumes Vol. I”. Vale dizer que Elias toma como verdade o contexto europeu e não cita outros grupos. O que não exclui as particularidades dos códigos de comportamento e modos de portar-se dos gestos próprios dos diferentes grupos.

Em sua obra Elias descreve situações em que o homem ocidental modifica seus hábitos de higiene, de comportamento à mesa e os modos de se portar em relação ao outro.

Tais mudanças estariam sempre carregadas da possibilidade de atribuição do adjetivo ‘civilizado’ (aquele com os bons e admirados hábitos dos homens pertencentes à classe mais abastada e rica, a burguesia) ou ‘incivilizados’ (tidos como ‘bárbaros’, pouco instruídos e pobres).

Em meio às várias passagens de como um homem ‘civilizado’ deveria portar-se com os novos instrumentos de alimentação, como o garfo e a faca, os quais exigiriam grandes e novos esforços, domínios e disciplinas do corpo para a devida e correta manipulação dos mesmos, Elias fala sobre o ato de ‘sentar’ que aqui se faz relevante:

“Com o mesmo infinito cuidado e naturalidade com que essas coisas são ditas – a mera menção das quais choca o homem ‘civilizado’ de um estágio posterior, mas de diferente formação afetiva – somos ensinados a como sentar ou cumprimentar alguém. São descritos gestos que se tornaram estranhos para nós, como, por exemplo, ficar de pé sobre uma perna só. E bem que caberia pensar que muitos dos movimentos estranhos de caminantes e dançarinos que vemos em pinturas ou estátuas medievais não representam apenas o ‘jeito’ do pintor ou do escultor, mas preservam também gestos e movimentos reais que se tornam estranhos para nós, materializações de uma estrutura mental e emocional diferente” (ELIAS, 1994,p.70).

Muitas das propostas da ioga podem parecer ‘estranhas’ para o homem ocidental. Desde os modos de respirar, os quais produzem sons fortes, movimentos profundos do abdômem e em consequência estimulam a excreção das chamadas ‘impurezas’ corporais.

Este estímulo final pode ser interpretado com certo receio por aqueles que aprenderam a esconder, conter, reter e evitar maior contato com tais impurezas, como sugere a cultura ocidental civilizada.

Seriam outras propostas as da ioga, que poderiam soar estranhas para os ocidentais: a escolha dos alimentos, a quantidade de alimentos que deve ser ingerida, recomendações para não fumar e não beber bebidas alcoólicas, modo de dormir e repousar, modos de sentar e permanecer em pé.

Com relação à alimentação, Hermógenes, observa o costume dos homens do ocidente comerem em demasia e escolherem alimentos com baixo poder nutritivo.

Este seria um comportamento comum aos homens do ocidente. A ioga aconselharia um outro modo de alimentar-se. Seria, então, necessário o homem passar por um processo de adaptação para livrar-se dos considerados maus hábitos, de abuso na quantidade de alimentos ingeridos, para acostumar-se ao novo e considerado melhor hábito de menor ingestão quantitativa dos alimentos.

A respiração iogue forneceria grande energia para o indivíduo e a conquista de um estado tranqüilo e equilibrado, o prana sofreria uma manutenção positiva e permitiria a necessidade de uma menor quantidade de alimentos.

Hermógenes segue com uma detalhada explicação sobre as substâncias que compõem os alimentos: proteínas, gorduras e os sais minerais (cálcio, ferro, fósforo, iodo, carboidratos, vitaminas). Não poderia faltar um debate clássico de quando a ioga é mencionada, acerca da alimentação, sobre o ato de alimentar-se com carne. Hermógenes questiona: *‘Será o homem um carnívoro?’*:

“Para o praticante de Yoga e para qualquer pessoa, a alimentação mais nutritiva e isenta de prejuízos é a ovo-lacto-vegetariana. São a ciência e a experiência que o afirmam. O homem, no estado evolutivo em que se acha, não é um carnívoro. É sim, a biologia o diz, um frugívoro” (HERMÓGENES, 2007,p.242).

E logo após discorrer sobre uma justificativa baseada em dados científicos, Hermógenes recorre a grandes personalidades e a figuras religiosas tidas como dotadas de elevada espiritualidade e que eram vegetarianas, como: Gandhi, Cícero, Helena Blavastski, São Francisco de Assis, Budha, Jesus de Nazaré, etc (HERMÓGENES, 2007,p.248).

Em relação ao fumo e bebidas alcoólicas, Hermógenes, demonstra todos os possíveis malefícios destes hábitos e conclui que os vícios, de modo

geral, aprisionam o homem e aí a ioga teria papel crucial, pois seria a chave para a libertação (HERMÓGENES, 2007,p.262).

As técnicas de relaxamento seriam muito importantes no processo de libertação do indivíduo; é aconselhado realizá-las ao início da prática para incitar uma outra percepção do corpo, para diminuir as tensões acumuladas na musculatura, acalmar a respiração e os pensamentos.

O relaxamento prepararia o corpo para receber a ioga e também é feito ao final da prática para uma contemplação de seus efeitos.

Existe uma preocupação minuciosa com os modos corretos de deitar-se e do comportamento do corpo para o relaxamento. Também os mesmos cuidados são tomados com os modos e posturas de sentar para a prática da meditação. A postura sentada mais conhecida é a de Lótus. Estampada em muitas imagens que representam a atitude 'zen' e o alternativo.

Não é simplesmente sentar-se. É uma maneira específica, que demanda controle apurado do corpo e também o exercício de domínio do ato de respirar e manter as atitudes mentais aconselhadas.

Pode-se atribuir a estes costumes, próprios da ioga, anteriormente descritos, certo 'estranhamento' para aquelas pessoas habituadas a alimentarem-se sem limites ou parcimônias, deitarem-se do modo mais confortável possível, sentarem-se em cadeiras e sofás macios com as costas tortas e respirarem superficialmente.

Estranhamento este que ocorre devido à maior atenção dirigida ao corpo e em muitas situações doada ao funcionamento das vísceras, o qual seria melhorado com a prática da ioga. Como supõe os corpos moldados pelo 'processo civilizador'.

Neste caso, a ioga, também poderia ser classificada como 'civilizada' ou 'incivilizada'. Por ela tratar as funções corporais como fundamentais e centrais para a existência do homem, poder-se-ia defini-la como 'incivilizada'.

A verdade é que há certas limitações da noção de civilização e sua relação com o distanciamento da natureza e do corpo. É considerado civilizado aquele indivíduo que domina todas as funções orgânicas, de modo a acreditar-se que elas seriam até mesmo inexistentes, aquele que realiza ações de alimentar-se muito polidamente com os instrumentos recomendados, que veste-se com as roupas adequadas, relaciona-se do modo esperado, senta-se

de modo apropriado. Ou seja, comporta-se e segue os mandamentos ditados e valorizados pela sociedade. Abstrai o corpo.

Enfim, não é somente nos períodos observados por Elias que existiu o controle do corpo e seus gestos, o ‘auto-controle’ está presente em todos os momentos. Assim como atribuir o termo ‘civilizado’ ao europeu da Idade Média também é relativo. Já que em cada momento histórico o ‘civilizado’ agia de acordo com a rede social dominante.

Na verdade, é preciso relativizar a noção de ‘comportamento natural’. Os modos de sentar, comer ou andar não são uma questão de afastar-se da natureza, mas sim, outra forma de lidar com ela, que obedeceriam as características sociais do grupo.

A ioga promoveria uma especial atenção para a respiração, a alimentação, o funcionamento de todos os órgãos e os fluídos corporais. Seria a reaproximação da natureza e a aceitação de o homem ser parte dela ao assumir e valorizar todos os sons, fluídos, formas e movimentos do corpo como parte essencial para alcançar a saúde perfeita, a presença divina em si e a paz espiritual. Apesar de isso envolver uma disciplina tão forte quanto a exigida para os comportamentos ditos civilizados no ocidente. Segundo Elias:

“E um dos sintomas do processo civilizador é ser embaraçoso para nós falar ou mesmo ouvir muito do que Erasmo diz. O maior ou menor desconforto que sentimos com pessoas que discutem ou mencionam suas funções corporais mais abertamente, que ocultam ou restringem essas funções menos que nós, é um dos sentimentos dominantes no juízo de valor ‘bárbaro’ ou ‘incivilizado’. Tal, então, é a natureza do ‘mal-estar’ que nos causa a ‘incivilização’ ou, em termos mais precisos e menos valorativos, o mal – estar ante uma diferente estrutura de emoções, o diferente padrão de repugnância ainda hoje encontrado em numerosas sociedades que chamamos de ‘não- civilizadas’, o padrão de repugnância que precedeu o nosso e é sua precondição” (ELIAS, 1994, p.72).

O discurso de Hermógenes representaria o processo civilizador da ioga. Já que, descreveria a ioga e seus estranhamentos iniciais com o suporte

das justificativas científicas, uma forma de legitimação nesse esforço diminuiria os possíveis elementos de sobrenaturalismo que a ioga poderia trazer.

Os movimentos da Contracultura e da Nova Era contribuíram para uma certa liberdade com relação aos comportamentos aceitáveis, inclusive comportamentos relacionados ao corpo.

Assim como Elias conta sobre registros de poemas que tinham a finalidade de boas maneiras à mesa, chamados *Tischzuchten*, resultantes de uma tradição oral importante. Para melhor explicar esta observação, diz Elias:

*“Esses **Tischzuchten**, ou disciplinas à mesa, como trabalhos medievais sobre maneiras de autores conhecidos, não são produtos individuais no sentido moderno, registro das idéias singulares de determinada pessoa em uma sociedade extensamente individualizada. O que nos chegou por escrito são fragmentos de uma grande tradição oral, reflexos do que era realmente costumeiro nessa sociedade. Esses fragmentos são importantes exatamente porque descrevem não o que era grande ou extraordinário, mas os aspectos típicos da sociedade”* (ELIAS, 1994, p.75).

O mesmo se poderia dizer sobre os ‘Aforismos de Patanjali’.

Portanto, a ioga de Hermógenes, representaria o ‘processo civilizador’ dos hábitos e costumes corporais da ioga no Ocidente. Além de atribuir características ‘civilizadas’ à ioga, Hermógenes favorece uma aproximação importante do corpo com a religião, mais especificamente com o cristianismo.

O corpo pode assumir diferentes valores frente as religiões, principalmente relacionados as partes consideradas puras, castas, nobres, superiores e aquelas tidas como sujas, pecadoras, indignas e inferiores. A verdade é que o corpo está constantemente presente nas passagens cristãs, as quais Hermógenes utiliza como legitimadoras.

Observa-se o corpo de Jesus, que é filho de Deus enviado à Terra para salvar os humanos em ‘corpo e alma’; o corpo de Cristo crucificado; a ressurreição de Jesus Cristo e o corpo de Cristo durante a comunhão. Estes

seriam exemplos do corpo divino, que apesar de estar à semelhança dos homens, está distante da ‘carne’ pecadora e condutora à perdição, ou seja, do corpo depreciado do humano pela Igreja da Contra-Reforma. É atribuída ao corpo uma ambigüidade: o corpo nobre e o corpo menosprezado. (GÉLIS, 2008,p.20).

O que Hermógenes faz é dignificar os corpos.

Em sua obra podemos encontrar o corpo do homem, quando pratica a ioga, no mesmo corpo de Cristo. O corpo do homem é abençoado e divino, até mesmo em sua sexualidade. Descreve em ‘Autoperfeição com Hatha Yoga’ que o sexo é “(...) *uma necessidade biológica, psíquica, moral e espiritual*” (HERMÓGENES, 2007,p.234). Já em ‘Yoga para Nervosos’ faz uma observação que nega a proposta da Igreja da Contra-Reforma do corpo ser o caminho para o pecado. Segundo Hermógenes:

“Quem vê no sexo uma imundície, uma ofensa à moral religiosa, portanto algo a ser temido; quem vê no ato sexual ‘pecado original’, que nos condenou ao inferno; quem vê no sexo um antideus, uma queda, uma condenação à ‘vida sem Deus’ ou uma vergonha a ser ocultada; quem vê no sexo uma fraqueza ou artimanha engendrada por belzebu, para tomar nossa alma; quem vê o sexo assim tão deformado, precisa mudar de idéia e começar a descobrir que além de não ser pecado, nem ser proibido por Deus, é, ao contrário, uma expressão do próprio Deus Onipresente” (HERMÓGENES, 2006,p.234)

Está aí, Deus no sexo, Deus no corpo, Deus nas relações, Deus em tudo. Esta é uma característica do seu discurso. Outra passagem interessante é quando considera os genitais parte do que é divino, um contraponto das antigas propostas da igreja:

O ‘nível genital’ também é ‘santo’, deixa de ser discriminado para ser divinizado.

Enfim, o corpo é instrumento para o encontro de Deus, ele próprio é Deus.

Há em sua obra uma noção complexa do corpo, que demonstra as representações da sua experiência pessoal através da qual emerge elementos interiorizados da cultura e de suas crenças.

A corporeidade de Hermógenes é constituída de Religião e Ciência, os outros capítulos da dissertação são necessários para a construção deste.

O corpo que Hermógenes apresenta é aquele que está entre a experiência individual e a social, daquilo que está entre o subjetivo e o coletivo (CORBIN;COURTINE;VIGARELLO, 2008,p.13).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Espero ter deixado claras nesta dissertação as evidências das mediações culturais utilizadas por Hermógenes em sua obra, que possibilitaram a difusão da ioga no Brasil. Também ter conseguido o distanciamento ideal para não colocar a minha experiência com a ioga sobre os pontos importantes que foram aqui argumentados.

Sua obra iniciou-se devido a uma necessidade pessoal de recuperar a saúde. Neste caminho Hermógenes encontrou a ioga e baseou todos seus escritos na própria experiência.

Acredito que a experiência é algo muito importante para compreender o que realmente é a ioga. Além de saber todos seus preceitos, conhecer todas as expressões em sânscrito, dominar as posturas, executar os exercícios de respiração, é fundamental vivenciá-la, praticá-la, para descobrir o que ela pode despertar na vida interior e espiritual.

Hermógenes sugere a experiência da ioga para seus leitores. Usa a sua própria como exemplo de sucesso. Ele alcançou seus objetivos, de curar-se, com a ioga.

Tantas outras pessoas gostariam de proceder da mesma maneira, de livrar-se de uma doença, de extinguir a ansiedade e a angústia de suas vidas. Uma responsabilidade grande para um ex-militar que ganhou posição de guru, santo, mestre e professor. Enfim, uma referência da espiritualidade, que alguns classificam de auto-ajuda.

Mas houve um processo de criação bastante eficiente nessa passagem de Hermógenes ex-militar, para a personalidade Professor Hermógenes. Criou um discurso familiar à realidade brasileira, com citações da Bíblia, repleto de figuras do cristianismo, com parábolas bíblicas e ainda incluiu nomes de todos os deuses possíveis, com depoimentos de médicos, num caldeirão multicultural.

Há, em seu discurso, uma relação esclarecedora entre o Oriente e o Ocidente, conduzida pela ioga. Suas propostas sugerem uma proximidade entre estes mundos que parecem, inicialmente, ser tão distantes e distintos.

Se nos ‘Aforismos de Patanjali’ a ioga tem a função de melhorar o controle da mente, na obra de Hermógenes a ioga é o caminho para Deus, o

Deus interior. A 'yogaterapia', como chama o seu método, implica na maior prática da fé, do que no controle da mente.

Pude observar este fato conforme evidências encontradas nos seus livros. Na primeira fase, aqui estudada, Hermógenes procura reforçar que a ioga é um método seguro para a conquista da saúde, e prova sua teoria ao manter em primeiro plano as comprovações vindas da área acadêmica sobre a eficiência da ioga. Mas desde o início de sua carreira existia a proposta de encontrar Deus, o Deus interior, mesmo que colocada de forma tímida.

Nos primeiros livros observados, Hermógenes distancia a ioga dos esoterismos e misticismos, ele a trouxe para a categoria de método, comprovado cientificamente. Para com este método sugerir o caminho para encontrar o Deus interior.

Uma relação muito interessante feita por Hermógenes: com o discurso científico e racional sugere meios para o encontro com Deus. Portanto, existe um hibridismo em seu discurso, não só com relação ao encontro de todos os Deuses e santos, mas ao modo de associar temas opostos com naturalidade.

A ioga, neste contexto, abriga a ciência e a religiosidade. Mas não mais aos moldes de Patanjali. Ela assume a religiosidade cristã modificada, a ciência e os psicologismos. Seria então, a ioga modelada conforme a realidade brasileira, a 'yogaterapia' de Hermógenes.

Na segunda fase dos livros observados, Hermógenes, já não se preocupa tanto em trazer o discurso científico, ele já provou sua hipótese de a ioga ser um método seguro para a conquista da saúde e do encontro com o Deus interior. No entanto, o objetivo maior é dar voz à sua experiência de fé. Transformar em palavras as sensações que tem durante a prática da ioga. Por isso a inspiração poética, mas sempre calcada na ioga e na busca do Deus interior.

Como já demonstrara, nos seus primeiros livros, a eficácia de seu método, era o momento de alçar vôo e libertar-se dos parâmetros que adotara para seu discurso. Tal a liberdade em divulgar as cartas pessoais de seus alunos e leitores e suas respostas que sugeriam, quase de maneira psicanalítica, mudanças nas atitudes frente aos problemas da vida, como a ansiedade e a tristeza. Também a constante sugestão de seguir o método através dos livros 'Autoperfeição com Hatha-Yoga' e 'Yoga para nervosos'.

Mesmo atrelada à ciência, a ‘yogaterapia’, não é um meio tradicional de experimentar e vivenciar o corpo. Ela tem a característica de ser holista, com a intenção de integrar o corpo e a mente, no sentido de o indivíduo perceber-se de maneira integral. Expressa, então, os preceitos da Nova Era e da Contracultura que propunham alternativas para os ‘tradicionalismos’, para a religião institucionalizada, o império da tecnologia e os valores da família.

Mas na obra de Hermógenes não vemos referência à vida em comunidade, como ditam os movimentos, mas sim, uma constante reflexão acerca do indivíduo. Entre religiosidades e a ciência a obra de Hermógenes se forma e consolida um discurso particular, que traduz o perfil da ioga no Brasil. Em meio as heterogeneidades e hibridismos que sua obra está, existe o ator principal, o instrumento que expressa todos os valores trazidos pelo discurso de Hermógenes: o corpo.

Observamos o corpo além de suas características fisiológicas e biológicas. Por isso o termo ‘corporeidade’, por assumir que o corpo carrega significados que revelam a dinâmica social do quadro observado.

Na obra de Hermógenes há insistentes passagens sobre a diferença entre a ioga e a ginástica ocidental. Mais uma vez a ioga de Hermógenes ultrapassa a barreira do tradicional para propor outra experiência. No caso, a ioga, diferentemente da ginástica tradicional, uniria corpo, mente e espírito, como o holismo propõe. E é através do corpo, com a prática da ioga, que o indivíduo alcançaria o Deus interior, se libertaria das ‘torturas mentais’, do ego exacerbado e obteria a saúde perfeita.

Hermógenes é uma personalidade importante no cenário da ioga no Brasil e seu discurso, como foi demonstrado, apresenta mediações culturais que traduzem a ioga indiana para a realidade do Brasil.

A presença da religiosidade na ioga é uma característica particular do discurso do Professor Hermógenes. Vale-se dos processos de legitimação religiosa e científica para posicionar a ‘yogaterapia’ como método seguro e eficaz. Além de sugerir o corpo sagrado, o corpo como caminho para o Deus interior.

Este estudo sugere outras hipóteses que poderão ser observadas num outro momento, como a realização da entrevista com Professor Hermógenes e com seus alunos e leitores.

Também a comparação da obra de Hermógenes com a de outros autores que têm como tema a ioga.

Na área de corporeidades, da Educação Física, poderia observar a presença da ioga e suas características nas academias, clubes e centros esportivos. A prática da ioga na Educação Física escolar, este aspecto já foi visitado por mim anteriormente mas há ainda muito a observar.

Outra hipótese é a de estudar a ioga e a terceira idade, as relações da ioga com a mídia impressa, a transformação da ioga em produto de consumo no Brasil. Enfim, muitas possibilidades de dar continuidade ao estudo da expressão ioga e todos seus elementos no cenário brasileiro.

GLOSSÁRIO

Ahimsa – “ Não-violência; pacifismo; não-reação; benevolência; brandura” (HERMÓGENES, 2005,p.367).

Ásana – “Postura terapêutica ou psicotrópica” (HERMÓGENES,2005,p.368).

Chiita – “Substância mental” (HERMÓGENES,2005,p.370).

Dhâraṇa – “Concentração da mente; atenção voluntária e prolongada sobre um mesmo objeto” (HERMÓGENES,2005,p.370).

Dhyana – “Meditação” (HERMÓGENES,2005,p.370).

Naddi – “Nervo sutil” (HERMÓGENES,2005,p.376).

Niyama – “Juntamente com Yama, constitui a disciplina moral da Astanga Yoga. Ao pé da letra, quer dizer observâncias ou preceitos. São Niyamas: Saucha (pureza material, mental; externa, interna...); Santosha (contentamento); Tapas (austeridade, disciplina, ascese, queimação purificadora...); Svadhyaya (estudo, pesquisa sobre o Ser); Ishvarapranidhana (consagração, doação, rendição a Ishvara, o Todo-Poderoso) (HERMÓGENES,2007,P.196).

Om/Aum – “É, segundo o sábio Patanjali, o termo que manifesta o Logos, Deus. É o termo-súmula que expressa os mil nomes do Divino Inominável. É o símbolo sonoro de Ser (Brahman). Cada uma das letras representa um dos aspectos, atributos ou ‘pessoas’ da Trimurti (Divina Trindade). ‘A’ é a manifestação densa (Virat); ‘U’, a manifestação sutil ou interna (Taijasa); ‘M’, o transcendente, superconsciente (Prajna). Quando as três são emitidas juntas vibram o som místico OM, movendo o aparelho de fonação desde o peito até os lábios. A-U-M é Om, o trino que é uno. Em termos de conhecimento, ‘A’ é a captação sensorial dos múltiplos objetos; ‘U’ é a elaboração racional sobre os dados da percepção sensória; ‘M’ é a realização intuitiva da essência em todos eles” (HERMÓGENES,2007,p.185).

Prakriti – “Natureza material do Universo” (HERMÓGENES,2005,p.377).

Prana – “Energia biopsíquica, princípio vital” (HERMÓGENES,2005,p.377).

Pranayama – “Exercício que permite o maior aproveitamento e canalização voluntária do prana” (HERMÓGENES,2005,p.377).

Pratyahara – “Retração dos sentidos dos objetos externos” (HERMÓGENES,2005,p.377).

Purusha – “Princípio espiritual do Universo” (HERMÓGENES,2005,p.379).

Samadhi – “Êxtase” (HERMÓGENES,2005,p.379).

Samyama – “ ‘Controle’, na prática ‘yoga’, o perfeito controle do espírito” (YUTANG,1966,p.209).

Shiva – “Deus da trindade, aspecto destruidor da Divindade no Hinduísmo. Aquele que desfaz, no Hinduísmo, as formas velhas para permitir a evolução através de novas formas mais próprias” (HERMÓGENES,2005,p.380).

Siddhas – “Yogas que atingiram as forças sobrenaturais” (YUTANG,1966,p.209).

Vayu – “O vento” (YUTANG,1966,p.210).

Vrittis – “Movimentos, vórtices, fenômenos mentais” (HERMÓGENES,2005,p.383).

Yama – “Preceito ético da Astanga Yoga; também significa domínio ou controle” (HERMÓGENES,2005,p.383).

REFERÊNCIAS

Fontes Primárias

<http://www.profhermogenes.com.br/index.html>

HERMÓGENES. **Autoperfeição com Haha Yoga: um clássico sobre saúde e qualidade de vida**. Rio de Janeiro: Nova Era, 2007.

_____. **Canção Universal**. Rio de Janeiro: Nova Era, 2007.

_____. **Deus investe em você**. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1989.

_____. **Yoga- Paz com a vida**. Rio de Janeiro: Nova Era, 2006.

_____. **O essencial da vida**. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1991.

_____. **Yoga para nervosos**. Rio de Janeiro: Nova Era, 2006.

_____. **Setas no caminho de volta: sugestões para o Filho Pródigo: coletânea de artigos do Professor Hermógenes**. Rio de Janeiro: Nova Era, 2000.

_____. **loga – Educação Cósmica**. Revista Planeta, n.54, março de 1977.

Fontes Secundárias

ALBUQUERQUE, L.M.B. de. **As invenções do corpo: Modernidade e Contramodernidade**. Revista de Educação Física – Unesp, vol.7, n.1. p.33-9, 2001.

_____. **Oriente: fonte de uma geografia imaginária**. Rever, n.3, p.114-125, 2001.

_____. “Novos Movimentos Religiosos: Modos de Ser”
in: BAPTISTA, P.A.N. et al. **O sagrado e o urbano: diversidades, manifestações e análise**. São Paulo: Paulinas/ABHR, 2008.

AMARAL, L. “Sincretismo em movimento – O estilo Nova Era de lidar com o sagrado” in: CAROZZI, M.J. et al. **A Nova Era no MERCOSUL**. Petrópolis: Vozes, 1999.

APOLLONI, R.W. **Entre a Cruz e o Asana: Respostas cristãs à popularização do Yoga no Ocidente**. Revista de Estudos da Religião – n.3, pp.50-73, 2004.

BAGGIO, A.M. **New Age – O que está por trás?**. São Paulo: Editora Cidade Nova, 1994.

BARTHES, Roland. **Elementos de Semiologia**. São Paulo: Cultrix, 1992.

BAUER, Martin W. “Análise de conteúdo clássica: uma revisão” in BAUER, Martin W. & GASKELL, George. **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som – Um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002.

BAUER, M.W. & AARTS, B. “A Construção do *Corpus*: um princípio para a coleta de dados qualitativos” in BAUER, Martin W. & GASKELL, George. **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som – Um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002.

BARROSO, Maria Macedo. **A construção da pessoa “Oriental” no Ocidente: um estudo de caso sobre o Siddha Yoga**. Rio de Janeiro: UFRJ/PPGAS, 1999.

BERGER, L. **Um Rumor de Anjos- A Sociedade Moderna e a Redescoberta do Sobrenatural**. Petrópolis: Vozes, 1973.

_____. **O Dossel Sagrado- Elementos para uma teoria sociológica da religião**. São Paulo: Paulus, 1985.

BROWN, R. **Prepare-se para a Guerra**. Rio de Janeiro: Danprewan Editora e Comunicações Evangélicas LTDA, 1998.

CAMPBELL, C. **A Orientalização do Ocidente: Reflexões sobre uma Nova Teodicéia para um Novo Milênio**. *Religião e Sociedade* vol.18, n.1, 1997.

CAPRA, F. **O Tao da Física**. São Paulo: Cultrix, 1975.

CAROZZI, Maria Julia. “Nova Era: A autonomia como religião” in: CAROZZI, M.J. et al. **A Nova Era no MERCOSUL**. Petrópolis: Vozes, 1999.

CONCONE, Maria Helena Villas Boas. “Pesquisa Qualitativa nos estudos de religião no Brasil” in DE SOUZA, B.M., GOUVEIA, E.H., JARDILINO, J.R.L. **Sociologia da Religião no Brasil: revisitando metodologias, classificações e técnicas de pesquisa**. São Paulo:PUC, 1998.

CONTEMPOMI, M.R. del “Nova Era e pós-modernidade: valores, crenças e práticas no contexto sociocultural contemporâneo” in: CAROZZI, M.J. et al. **A Nova Era no MERCOSUL**. Petrópolis: Vozes, 1999.

DÉCHANET, J.M. **loga para cristãos ou o caminho do silêncio**. São Paulo: Editora Herder, 1962.

ELIAS, N. **O Processo Civilizador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994, 2V.

GILL, Rosalind. “Análise de discurso” in BAUER, Martin W. & GASKELL, George. **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som – Um manual prático**. Petrópolis:Vozes, 2002.

HERVIEU-LÉGER, D. **Representam os surtos emocionais contemporâneos o fim da secularização ou o fim da religião?** *Religião e Sociedade* vol.18, n.1, 1997.

JUNG, Carl Gustav. **Psicologia e Religião Oriental**. Petrópolis:Vozes, 1963.

MAGNANI, J.G.C. "O circuito neo-esotérico na cidade de São Paulo" in: CAROZZI, M.J. et al. **A Nova Era no MERCOSUL**. Petrópolis: Vozes, 1999.

MAUSS, M. "As Técnicas Corporais" in: _____. **Antropologia e Sociologia**. São Paulo: Epu, Edusp, 1974, V.II.

ROSZAK, Theodore. **A Contracultura**. Petrópolis:Vozes, 1972.

RUSSO, Jane. **O Corpo contra a Palavra: as terapias corporais no campo psicológico dos anos 80**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 1996.

SOARES, L.E. "Religioso por Natureza: Cultura Alternativa e Misticismo Ecológico no Brasil" in: **O rigor da Indisciplina**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

TAVARES, F.R.G. " 'O Holismo Terapêutico' no âmbito do movimento nova Era no Rio de Janeiro" in: CAROZZI, M.J. et al. **A Nova Era no MERCOSUL**. Petrópolis: Vozes, 1999.

YUTANG, L. "A 'Yoga' nos Aforismos de Patanjali" in: **Piedade indiana e humor indiano**. São Paulo: Ediouro, 1966.